https://sanderlei.com.br/ https://sanderley.com/ https://sanderleisilveira.com.br/

MORTE EM VENEZA

Thomas Mann

https://sanderlei.com.br/ https://sanderley.com/ https://sanderleisilveira.com.br/

Capítulo 1

Numa tarde de primavera do ano de 19..., que meses a fio vinha mostrando ao nosso continente um semblante tão ameaçador, Gustav Aschenbach, ou von Aschenbach, como passara a chamar-se oficialmente desde seu quinquagésimo aniversário, saíra de sua residência na rua do Príncipe Regente, em Munique, para um longo passeio solitário. Muito agitado por uma manhã de trabalho árduo e arriscado, a exigir justamente agora uma extrema cautela, circunspecção, rigor e força de vontade, o escritor não conseguira, nem mesmo após o almoço, sofrear a vibração do mecanismo criador em seu íntimo — aquele *motus animi continuus* que, segundo Cícero, constitui a essência da eloquência — e não pudera dispor do cochilo reparador que lhe era tão necessário durante o dia, ante o crescente desgaste de suas forças. Assim, logo depois do chá, ele procurara o céu aberto, na esperança de que um pouco de ar livre e movimento o restabelecessem, propiciando-lhe uma noite proveitosa.

Era início de maio e, após semanas úmidas e frias, irrompera bruscamente um falso auge de verão. O Jardim Inglês, apesar de mal ter começado a cobrir-se de folhas tenras, estivera abafado como em agosto e cheio de veículos e transeuntes nos arredores da cidade. Buscando caminhos mais ermos e tranquilos, Aschenbach chegara até Aumeister, onde se detivera por alguns momentos a observar o terraço do restaurante, animado como de praxe, ao redor do qual estavam estacionados alguns coches e carruagens; de lá, com o sol poente, tomara o caminho de volta pelo campo aberto, fora dos limites do parque; como, porém, estivesse cansado, e dos lados de Föhring ameaçasse vir um temporal, deteve-se junto ao Cemitério Norte, aguardando o bonde que deveria levá-lo de volta à cidade, em linha reta.

Casualmente encontrou desertos o ponto de parada e seus arredores. Não se via um só veículo, nem na pavimentada rua Ungerer, cujos trilhos se estendiam, brilhando solitários, na direção de Schwabing, nem na estrada de Föhring. Por trás das sebes das marmorarias, onde cruzes, lápides e mausoléus à venda configuravam um segundo cemitério, desabitado, nada se mexia, e a capela mortuária, de construção bizantina, ali defronte, repousava silenciosa, banhada pelo reflexo do dia que findava. Sua fachada, guarnecida de cruzes gregas e emblemas hieráticos em cores claras, apresentava ainda inscrições em letras douradas, dispostas simetricamente — citações escolhidas das escrituras, relativas à vida no Além, como “Eles adentrarão a morada de Deus” ou “Que a luz eterna os ilumine” —, e, enquanto esperava, Aschenbach encontrou por alguns minutos um sério

entretenimento em decifrar tais fórmulas, deixando o espírito vagar contemplativo por sua mística transparente até que, ao retornar de seus devaneios, notou no pórtico, acima dos dois animais apocalípticos que vigiavam a escadaria, um homem cuja aparência não muito habitual imprimiu a seus pensamentos um rumo inteiramente diverso.

Se surgira do interior da capela, passando pela porta de bronze, ou se, vindo de fora, subira até lá, sem ser notado, não se poderia precisar. Sem se aprofundar muito na questão, Aschenbach pendeu mais para a primeira hipótese. De estatura mediana, magro, sem barba e com um nariz incrivelmente rombudo, o homem era do tipo ruivo, com a característica pele leitosa e sardenta. Ao que tudo indicava, não era bávaro, a começar pelo chapéu de palha de abas largas e retas que lhe cobria a cabeça, emprestando à sua aparência um ar de estrangeiro, de alguém vindo de terra distante. Usava, entretanto, uma mochila afivelada aos ombros, de acordo com o costume local, um terno acinturado de cor amarela e, ao que parece, de tecido cru; no braço esquerdo, que mantinha junto ao corpo, trazia uma capa de chuva cinza, e na mão direita, um bastão com ponta de ferro, firmado obliquamente contra o solo e em cujo castão apoiava o quadril, tendo os pés cruzados. De cabeça erguida, de modo que o pomo de adão se destacava forte e nu no pescoço magro, a despontar da camisa esporte frouxa, ele perscrutava atentamente o horizonte com os olhos descoloridos, franjados de cílios vermelhos e separados por duas rugas verticais enérgicas, numa combinação curiosa com o nariz levemente arrebitado. Assim, e talvez contribuísse para essa impressão o lugar elevado e elevante em que se encontrava, sua postura tinha um quê de dominadora altivez, arrogância ou mesmo ferocidade, pois, talvez ofuscado, franzia o rosto para o sol poente, ou, talvez por uma deformidade fisionômica perene, seus lábios pareciam curtos demais, arreganhados, expondo até as gengivas os dentes longos e brancos.

É bem possível que Aschenbach, em sua inspeção meio distraída e meio inquisitiva do estranho, tivesse incorrido numa falta de consideração, pois de súbito percebeu que este revidava seu olhar, e de modo tão belicoso, tão direto, tão visivelmente disposto a levar o caso ao extremo, forçando o outro a desviar os olhos, que Aschenbach, incomodado, voltou-se e pôs-se a caminhar ao longo das sebes, decidido a não se ocupar mais do homem. Minutos depois já o havia esquecido. Entretanto, ou porque o aspecto de viajante do estranho atuasse sobre sua imaginação, ou por estar em jogo algum tipo de influência física ou psíquica, notou, atônito, uma estranha expansão de seu íntimo, uma espécie de inquietação errante, um anseio juvenil sedento de distância, um sentimento tão vivo, tão novo ou, antes, há tanto tempo inabitual e desaprendido que ele parou enleado, mãos nas costas e olhos no chão, a investigar a natureza e o propósito dessa sensação.

Era vontade de viajar, nada mais; mas, na verdade, irrompera como um acesso e se intensificara, atingindo o nível passional, sim, até beirar a alucinação. Sua ânsia se fez evidente, sua imaginação, que desde as horas de trabalho ainda não encontrara repouso, criou um exemplo de todas as

maravilhas e horrores da terra variegada que repentinamente se via solicitada a configurar: ele via, via uma paisagem sob um céu carregado de vapores, uma região pantanosa, úmida, exuberante e monstruosa, uma espécie de selva antediluviana, feita de ilhas, brejos e braços de rio lamacentos — via por toda parte cabeleiras de palmeiras a emergir de uma profusão de fetos luxuriosos, de um fundo vegetal de plantas carnudas, inchadas, explodindo em florações exóticas; via árvores incrivelmente distorcidas lançarem no ar raízes que vinham mergulhar no solo, em águas estagnadas, a espelhar um verde sombrio, onde, entre flores flutuantes de um branco leitoso e do tamanho de terrinas, pássaros bizarros de ombros altos e bico disforme ficavam de pé nos baixios, olhando de lado, imóveis; via faiscar, entre as hastes nodosas de um bambual, as pupilas de um tigre agachado — e sentia o coração pulsar num misto de terror e enigmática atração. A seguir, a visão desvaneceu-se e, meneando a cabeça, Aschenbach retomou sua caminhada ao longo das sebes das marmorarias.

Para ele, viajar — pelo menos desde que pudera dispor de meios para usufruir a seu bel-prazer as vantagens do tráfego internacional — não significava nada além de uma medida higiênica, que era preciso adotar de tempos em tempos a contragosto. Excessivamente ocupado com as tarefas que seu eu e a alma europeia lhe propunham, excessivamente sobrecarregado pelo dever de produção, excessivamente avesso à distração para prestar-se ao papel de amante do colorido mundo exterior, dera-se inteiramente por satisfeito com o parecer de que cada um pode tirar proveito da superfície do mundo sem se afastar muito de seu círculo, e jamais se sentira sequer tentado a deixar a Europa. Sobretudo, desde que sua vida começara lentamente a declinar, desde que seu medo de artista de não atingir o fim — esse receio de o relógio querer parar antes de ele ter cumprido sua parte, antes de ter-se dado por inteiro — não devia mais ser considerado mera extravagância, sua existência exterior vinha sendo limitada quase que exclusivamente à bela cidade que elegera como sua e à casa rústica que construíra nas montanhas e onde passava os verões chuvosos.

Assim, portanto, também esse impulso que acabava de acometê-lo tão tardia e repentinamente logo foi moderado e colocado no devido lugar por sua razão e pela sua autodisciplina exercida desde a juventude. Tencionava adiantar a obra a que dedicava sua vida até determinado ponto, antes de transferir-se para o campo, e a ideia de uma vadiagem pelo mundo, que o afastaria de seu trabalho durante meses, parecia por demais leviana e contrária aos planos para ser seriamente levada em conta. Ele sabia perfeitamente por que a tentação surgira tão inopinadamente. Era desejo de fuga, que ele confessava a si mesmo, essa nostalgia de distância e novidade, esse desejo de libertação, desobrigação e esquecimento — impulso de se afastar da obra, do cenário cotidiano de uma obrigação rígida, fria e apaixonada. Amava, na verdade, seu trabalho e quase já amava a luta enervante, a cada dia renovada, entre sua vontade tenaz e orgulhosa, tantas vezes posta à prova, e esse cansaço crescente, de que ninguém devia

suspeitar e que nenhum indício de fraqueza ou negligência no produto acabado deveria trair. Mas parecia razoável não distender o arco em demasia e não sufocar teimosamente uma necessidade que se manifestara com tanta veemência. Pensou em seu trabalho, na passagem em que se vira forçado a abandoná-lo, hoje outra vez, como já na véspera, e que parecia não querer ceder nem a cuidados pacientes, nem a uma rápida investida. Examinou-a novamente, tentou quebrar ou dissolver o obstáculo, e desistiu do ataque com um arrepio de repugnância. Não se apresentava ali nenhuma dificuldade extraordinária; o que o paralisava eram, isso sim, os escrúpulos do desprazer, representados por uma exigência insaciável. Exigência, que, na verdade, desde bem jovem lhe valera como o ser e a essência do talento, e em nome da qual havia reprimido e esfriado o sentimento, pois sabia que este é propenso a satisfazer-se com um descuidado mais ou menos, com uma meia perfeição. Será que o sentimento escravizado vingava-se agora, abandonando-o, recusando-se a dali por diante sustentar e dar asas à sua arte, levando consigo todo o prazer, todo o encanto pela forma e pela expressão? Não que produzisse coisas ruins; ao menos isso era privilégio de seus anos: sentir-se a cada momento tranquilamente seguro de sua maestria. Esta, porém, embora louvada por toda a nação, não o contentava; parecia-lhe que faltavam à sua obra aquelas características de uma disposição espiritual ardentemente empenhada, que, sendo fruto de prazer, configuravam, melhor do que o faria qualquer conteúdo imanente, um mérito importante: o prazer dos leitores. Teve medo do verão no campo, a sós na pequena casa com a empregada que lhe preparava as refeições e o criado que as servia; temia os semblantes familiares dos picos e escarpas das montanhas, que outra vez rodeariam sua morosidade insatisfeita. Havia, porém, necessidade de uma pausa, um pouco de improvisação, de vadiagem, de mudança de ares e armazenamento de sangue novo, para que o verão fosse suportável e profícuo. Viajar, portanto — estava satisfeito com isso. Não para muito longe, não exatamente até os tigres. Uma noite no carro-leito e um *far niente* de três ou quatro semanas em qualquer estância de veraneio cosmopolita do amável sul europeu.

Assim pensava, enquanto o ruído do bonde se aproximava pela rua Ungerer e, ao embarcar, decidiu dedicar a noite ao estudo de mapas e guias ferroviários. Na plataforma, lembrou-se de olhar em torno, buscando o homem do chapéu de palha, companheiro de um momento afinal pleno de consequências. Mas não pôde determinar seu paradeiro, pois já não se encontrava onde estivera, nem nos arredores do ponto de espera, nem no interior do bonde.

Capítulo 2

O autor da límpida e imponente epopeia em prosa sobre a vida de Frederico, o Grande; o artista paciente que, com incansável afinco, tecera a trama do romance *Maja*, verdadeira obra de tapeçaria, tão rica em figuras, a reunir tantos destinos humanos entrelaçados à sombra de uma ideia; o criador daquela vigorosa narrativa intitulada *Um miserável*, que mostrava a toda uma juventude agradecida a possibilidade de uma determinação moral situada além dos limites do conhecimento mais profundo; o autor, enfim (e aqui se encerra a breve relação das obras de sua maturidade), da apaixonada dissertação *Espírito e arte*, cuja força ordenadora e eloquência antitética autorizaram críticos abalizados a equipará-la às reflexões de Schiller sobre a poesia *naïve* e sentimental — Gustav Aschenbach, portanto, nascera em L., capital de um dos distritos da província da Silésia, filho de um alto magistrado. Seus antepassados tinham sido oficiais, juízes, funcionários da administração, homens que haviam levado uma vida reta, decentemente parcimoniosa, a serviço do rei e do Estado. Uma espiritualidade mais profunda manifestara-se entre eles apenas uma vez, corporificada na pessoa de um pregador; um influxo de sangue mais agitado e sensual viera acrescentar-se à família na geração precedente, por intermédio da mãe do escritor, filha de um mestre de capela tcheco. Dela ele herdara as características de uma raça estrangeira patentes em sua aparência. A fusão de uma escrupulosidade profissional austera com impulsos ardentes e obscuros fez surgir um artista, este artista especial.

Talhado para a fama por sua própria natureza, Aschenbach, sem ser verdadeiramente precoce, graças a seu tom firme, pessoal e expressivo, cedo se revelou maduro e apto para a notoriedade. Nem bem deixara o ginásio e já tinha um nome. Dez anos mais tarde, havia aprendido a representar, a administrar sua fama, sentado à sua escrivaninha, a ser amável e incisivo nas respostas, necessariamente breves, às cartas que recebia (pois muitas solicitações assediam aquele que goza de sucesso e respeitabilidade). Aos quarenta anos, abatido pelas fadigas e vicissitudes do trabalho propriamente dito, ainda tinha de ocupar-se diariamente da volumosa correspondência que ostentava selos de todas as partes do mundo.

Distanciando-se do banal tanto quanto do excêntrico, seu talento tinha o dom de granjear simultaneamente a confiança do grande público e a adesão elogiosa e exigente dos entendidos. Assim, já desde jovem, pressionado por todos os lados pelo dever de realização — e de uma realização extraordinária —, jamais conhecera a ociosidade, a negligência despreocupada da juventude. Quando, aos 35 anos, adoeceu em Viena, um observador

perspicaz comentou a seu respeito na sociedade: "Vejam, é que Aschenbach sempre viveu assim" — e o orador mostrava o punho esquerdo firmemente cerrado —, "nunca assim" — e deixava a mão aberta pender confortavelmente do braço da poltrona. A observação era pertinente, e o que esse seu comportamento tinha de moralmente corajoso era o fato de sua natureza, de compleição nada robusta, não ter sido propriamente criada, mas antes requisitada para um esforço constante.

Cuidados médicos haviam impedido que o garoto frequentasse a escola, restringindo-o a aulas particulares em casa. Crescera solitário, sem amizades, e bem cedo fora forçado a reconhecer que pertencia a uma espécie em que não é o talento que é raro, mas sim a base física de que este necessita para sua realização — a uma espécie que costuma dar cedo o melhor de si e cuja virtuosidade raramente perdura no tempo. Mas seu lema era "resistir" — seu romance *Frederico, o Grande* nada mais era, a seu ver, do que a apoteose desse imperativo, que lhe parecia a manifestação suprema da virtude que suporta ativamente a provação. Desejava também com ansiedade poder atingir a velhice, pois sempre fora da opinião segundo a qual só faz jus à natureza verdadeiramente grandiosa, abrangente e venerável de artista aquele a quem é dado permanecer criativo, atravessando e caracterizando todas as etapas da vida humana.

Disposto, portanto, a ir longe, suportando em ombros frágeis o peso das tarefas com que seu talento o cumulava, tinha extrema necessidade de disciplina — e disciplina, felizmente, era o que havia herdado com o sangue paterno. Aos quarenta, cinquenta anos, como já o fazia numa idade em que os outros esbanjam a vida, dispersando-se e adiando, confiantes, a execução de grandes planos, ele começava bem cedo seu dia, com jatos de água fria no peito e nas costas, para depois, com um par de velas altas em castiçais de prata à cabeceira do manuscrito, sacrificar à arte, em duas ou três horas de fervorosa consciência, as forças reunidas durante o sono. Era perdoável, claro, representava justamente a vitória de sua força moral, que pessoas pouco informadas encarassem o universo de *Maja* ou as massas épicas que serviam de cenário à vida heroica de Frederico como produto de uma força compacta e de um longo fôlego, quando, ao contrário, eram o resultado de centenas de inspirações isoladas superpostas, em humilde trabalho cotidiano, camada por camada até a grandiosidade; a perfeição do conjunto e de cada detalhe devia-se tão somente ao fato de seu autor — com uma perseverança e tenacidade comparáveis às daqueles que haviam conquistado sua província natal — ter suportado durante anos a fio a tensão de uma única obra e ter dedicado, exclusivamente, à criação propriamente dita suas horas de maior vigor e inspiração.

Para que qualquer produto intelectual de peso possa surtir de imediato um efeito amplo e profundo, é preciso que haja uma afinidade secreta, uma coincidência entre o destino pessoal de seu autor e o destino anônimo de sua geração. As pessoas não sabem por que elas tornam famosa uma obra de arte. Sem o menor conhecimento de causa, julgam descobrir centenas de méritos para justificar tamanho apreço; mas o verdadeiro fundamento de

seu aplauso é algo imponderável, é simpatia. Aschenbach já dissera uma vez, expressamente, embora numa passagem de pouco realce, que quase tudo que existe de grandioso existe como um "apesar de", ou seja, algo que se realizou apesar de preocupações e tormentos, apesar da pobreza, do abandono, da fragilidade física, do vício, da paixão e de mil outros obstáculos. E isso era mais que uma simples observação, era uma vivência, era justamente a fórmula de sua vida e do seu sucesso, a chave de sua obra. Sendo assim, seria de estranhar que fosse também a essência moral a conduta de seus personagens mais característicos?

A respeito do novo tipo de herói que, sob diversas personificações individuais, era uma constante em sua obra, um crítico sagaz já bem cedo havia escrito que se tratava da concepção de "uma virilidade intelectual e adolescente que, em orgulhoso pudor, cerra os dentes e se mantém de pé, serena, enquanto espadas e dardos transpassam-lhe o corpo". Era belo, engenhoso e exato, apesar de sugerir um cunho demasiado passivo; pois enfrentar o destino com firmeza, conservar o donaire no tormento não significa apenas suportar, mas é uma forma de ação, um triunfo positivo, e a figura de são Sebastião é o mais belo símbolo, se não da arte em geral, ao menos da arte em questão. O olhar do observador penetrando nesse mundo de ficção veria o requintado autodomínio que até o derradeiro instante oculta aos olhos do mundo a corrosão interna da decadência biológica; a fealdade amarelenta, sensualmente lesada, que consegue atiçar as brasas do cio em que se consome até uma chama pura, sim, alçando-se mesmo triunfante à soberania em pleno reino da beleza; a pálida fragilidade, que obtém das profundezas ardentes do espírito a força que faz prostrar-se aos pés da cruz, a *seus* pés, todo um povo arrogante; a persistência amável no árido e severo cultivo da forma; a vida artificial e perigosa, o anseio e a arte desgastante do impostor nato — observando todos esses destinos e ainda tantos outros semelhantes, era para se duvidar até da possibilidade de existência de um outro heroísmo, que não o heroísmo da fraqueza. Mas, afinal, que outro tipo de heroísmo seria mais adequado à época? Gustav Aschenbach era o poeta de todos aqueles que trabalham à beira da exaustão, dos que carregam um fardo superior a suas forças e, mesmo esgotados, se mantêm ainda de pé, de todos esses moralistas que têm por máxima o dever de produzir e que, de porte franzino e dispondo de meios precários, à custa de prodígios de vontade e hábil organização, conseguem obter, ao menos por algum tempo, efeitos de grandeza. Há muitos deles: são os heróis dessa época. E todos eles se reconheciam na sua obra; nela se encontravam justificados, poeticamente enaltecidos e, cheios de gratidão, difundiam seu nome.

Ele havia compartilhado da imaturidade e rudeza de seu tempo e, mal-aconselhado por este, havia tropeçado em público, cometera erros, expusera-se, incorrera em falta de tato e bom senso, tanto em seus discursos como em suas obras. Mas conquistara a dignidade, para a qual, segundo afirmava, todo grande talento é impelido por uma disposição e um aguilhão inatos; sim, pode-se dizer que toda a sua evolução fora uma escalada

consciente e tenaz, a superar todos os empecilhos da dúvida e da ironia, para alcançar a dignidade.

Uma exposição viva, concreta, intelectualmente descompromissada faz o deleite das massas burguesas, mas a juventude apaixonadamente radical só é cativada pelo problemático, e Aschenbach fora tão problemático, tão radical quanto qualquer adolescente. Escravizara-se ao intelecto, cometera abusos com o conhecimento, triturara sementes ainda por dar frutos, profanara mistérios, desconfiara do talento, traíra a arte — sim, enquanto suas criações entretinham, enalteciam e animavam seus crédulos leitores, ele, o jovem artista, eletrizara os jovens de vinte anos com suas tiradas cínicas sobre a controvertida natureza da arte e do próprio artista.

Mas parece que não há nada a que um espírito nobre e valoroso se torne imune tão rápida e completamente como ao encanto picante e amargo do conhecimento, e é certo que a profundidade dolorosamente conscienciosa do jovem não passa de superficialidade comparada à profunda determinação com que o mestre maduro nega o saber, recusa-o, ultrapassa-o de cabeça erguida, toda vez que este ameaça, ainda que de longe, tolher, desencorajar e desmerecer a vontade, a ação, o sentimento e mesmo a paixão. Como interpretar sua famosa novela *Um miserável* de outra forma, a não ser como uma explosão de asco contra o indecoroso psicologismo da época, personificado na figura daquele ordinário, mole e parvo, que facilita sua vida atirando a mulher, por fraqueza, depravação ou veleidade moral, nos braços de um jovem imberbe e que, no fundo, acredita ter o direito de cometer qualquer indignidade? O ímpeto da palavra a repudiar o repudiado preconizava a rejeição
de toda dubiedade moral, de qualquer simpatia pelo abismo, a renúncia à lassidão do lema compassivo de que tudo compreender é tudo perdoar. O que aqui se preparava ou, antes, já se consumava era aquele "milagre da espontaneidade renascida", que um pouco mais tarde, num dos diálogos do autor, seria abordado formalmente, sem dispensar uma certa ênfase misteriosa. Estranhas correlações! Seria uma consequência espiritual desse "renascimento", dessa nova dignidade e austeridade, que ao mesmo tempo se observasse a exacerbação quase excessiva de seu senso de beleza, aquela nobre pureza, simplicidade e comedimento na elaboração da forma, que a partir de então emprestava às suas criações um cunho tão evidente, deliberado mesmo, de magistralidade e classicismo? Mas uma determinação moral que se situa além dos limites do saber, do conhecimento analítico e inibidor não significa também, por sua vez, uma redução, uma ingênua simplificação ética do mundo e da alma e, portanto, também um atribuir-se ao mal, ao proibido, ao moralmente impossível uma nova potência? E a forma não tem ela mesma duas faces? Não é simultaneamente moral e imoral — moral, enquanto resultado e expressão da disciplina, mas imoral e até amoral na medida em que, por sua própria natureza, pressupõe uma indiferença moral, sim, e está essencialmente dedicada a vergar a moralidade, submetendo-a a seu cetro orgulhoso e absoluto?

Seja como for! Evoluir é cumprir um destino; e como uma evolução,

acompanhada pela simpatia e pela confiança de amplas massas de público, não haveria de seguir um curso distinto do daquela que se desenrola sem o brilho e os compromissos da fama? Só a eterna boemia considera enfadonho e tende a encarar com menosprezo o fato de um grande talento superar o estágio frívolo de crisálida, habituar-se a defender com energia a dignidade do espírito e assumir as normas aristocráticas de uma solidão sem amparo, feita de sofrimentos e lutas duramente independentes, e que o leva a conquistar poder e honra entre os homens. Ademais, que jogo, que desafio, que satisfação é modelar o próprio talento! Com o tempo, algo de oficialmente pedagógico se infiltrava nas produções de Aschenbach; seu estilo, nos últimos anos, perdia os rasgos audaciosos, as nuances sutis e inventivas, passando para o exemplarmente correto, tradicionalmente lapidar, formal e até sentencioso, e, à medida que envelhecia, bania de seu vocabulário, tal como Luís XIV — segundo divulga a história —, toda expressão vulgar. Foi a essa altura que o Departamento de Ensino passou a incluir páginas de sua autoria nas antologias escolares oficialmente adotadas. Pareceu-lhe em seu íntimo perfeitamente cabível — e, portanto, não recusou — que um príncipe alemão, que acabava de subir ao trono, resolvesse conferir ao autor de *Frederico* o título pessoal de nobreza, por ocasião de seu quinquagésimo aniversário.

Depois de alguns anos irrequietos, de algumas tentativas de se fixar aqui e ali, logo escolhera Munique para domicílio permanente, e lá vivia gozando de uma respeitabilidade que raramente é atribuída aos que cultivam o espírito. O casamento, que contraíra ainda bem jovem com uma moça vinda de uma família letrada, terminara, após breve período de felicidade, com a morte de sua esposa. Restara-lhe uma filha, já casada. Um filho, nunca viera a tê-lo.

Gustav von Aschenbach era de estatura um pouco abaixo da média, moreno, rosto inteiramente barbeado. A cabeça parecia um pouco grande demais em relação à sua figura quase franzina. O cabelo, penteado para trás, escasso no alto da cabeça, abundante e já bem grisalho nas têmporas, enquadrava uma testa alta, cheia de rugas que mais pareciam cicatrizes. O arco dos óculos de ouro, de lentes sem aro, se encaixava na base do nariz enérgico, de curvatura aristocrática. A boca era grande, ora relaxada, ora subitamente estreita e contraída; as faces, magras e sulcadas, o queixo benfeito, cindido de leve por uma covinha. Grandes golpes do destino pareciam ter-se abatido sobre essa cabeça quase sempre inclinada de lado, em atitude sofredora, e, no entanto, não fora uma vida difícil e agitada que esculpira aquele rosto, mas sim a arte. Por trás dessa fronte haviam brotado as réplicas fulminantes do diálogo entre Voltaire e o rei a respeito da guerra; esses olhos, que lançavam por trás dos óculos um olhar cansado e profundo, haviam visto o inferno sangrento dos hospitais militares da Guerra dos Sete Anos. Mesmo sob o prisma pessoal, a arte é uma vida elevada. Ela traz uma felicidade mais profunda e um desgaste mais acelerado. Grava no rosto de seu servidor os traços de aventuras imaginárias e espirituais, e com o tempo, mesmo no caso de uma vida exterior de uma placidez monástica, provoca

uma perversão, um refinamento, um cansaço e uma excitação dos nervos, que mesmo uma vida cheia de paixões e prazeres desvairados dificilmente poderia produzir.

Capítulo 3

Após aquele passeio, o escritor, ansioso por viajar, ficou ainda cerca de duas semanas retido em Munique por diversos afazeres, tanto de ordem prática como relativos à sua atividade literária. Finalmente deu as devidas instruções para que sua casa de campo estivesse pronta para recebê-lo no prazo de quatro semanas, e num dia entre meados e fins de maio viajou no trem noturno para Trieste, onde se demorou apenas vinte e quatro horas, embarcando já na manhã seguinte com destino a Pula.

Buscava o exótico, um cenário diferente, porém de rápido acesso, e assim instalou-se numa ilha do Adriático, não muito distante da costa da Ístria, que adquirira fama havia alguns anos, com seus camponeses vestidos de andrajos coloridos, cuja linguagem era feita de sons inteiramente incompreensíveis, e suas falésias de incrível beleza rasgadas na costa banhada pelo mar aberto. Contudo, a chuva, o ar pesado, os hóspedes austríacos, que transformavam o hotel numa sociedade provinciana e fechada, e a falta daquela relação apaziguadoramente íntima com o mar, que só uma suave extensão de areia torna possível, deixavam-no de mau humor, impedindo-o de convencer-se de ter encontrado o lugar almejado; algo em seu íntimo o inquietava, o impelia não sabia ainda bem para onde. Estudava as conexões marítimas, olhava em torno buscando uma resposta, e eis que de repente, surpreendido pelo óbvio, tinha diante dos olhos a perseguida meta. Quando se deseja alcançar de um dia para o outro o incomparável, o excepcional, digno da magia dos contos de fada, para onde se vai? Mas claro! O que estava fazendo ali? Tinha havido um equívoco. Era para lá que desejara ir desde o início! Sem demora comunicou sua partida. Uma semana e meia após sua chegada à ilha, um veloz barco a motor, em meio à névoa da madrugada, transportava-o com toda a bagagem de volta à base naval, onde só desembarcou para, atravessando com receio a prancha de madeira, subir ao convés úmido de um navio, já prestes a zarpar para Veneza.

Era uma velha embarcação italiana, obsoleta, sombria e coberta de fuligem. Aschenbach nem bem acabara de subir a bordo e imediatamente um marinheiro corcunda e sujo, arreganhando os dentes numa suposta demonstração de polidez, introduziu-o numa cabine artificialmente iluminada, que lembrava uma caverna, onde, sentado atrás de uma mesa, com o chapéu caído de banda sobre a testa e um toco de cigarro no canto da boca, um homem de cavanhaque, com ar de diretor de circo mambembe, simulando com trejeitos a desenvoltura de um homem de negócios, anotava a identidade dos passageiros e providenciava as respectivas passagens. “Para

Veneza!", exclamou ele, repetindo a solicitação de Aschenbach, enquanto estendia o braço e mergulhava a pena no líquido pastoso que ainda restava num tinteiro mantido em posição inclinada. "Para Veneza, primeira classe! Pois não, meu senhor!" Rabiscou uns garranchos, polvilhou-os com a areia azulada que tirou de uma lata, fez com que a areia escorresse para uma tigelinha de barro, dobrou o papel com dedos amarelos e ossudos e voltou a escrever. Enquanto isso, tagarelava: "Uma escolha feliz para uma viagem! Ah, Veneza! Que cidade maravilhosa! Uma cidade de uma atração irresistível para pessoas cultas, não só por sua história como por seus encantos!" A rapidez melíflua de seus movimentos e o palavreado oco com que os acompanhava tinham algo de atordoante, algo que distraía a atenção, como se ele temesse que o viajante pudesse ainda vacilar em sua decisão de seguir para Veneza. Recolheu rapidamente o dinheiro e com agilidade de crupiê deixou cair o troco no pano manchado que revestia a mesa. "Bom divertimento, meu senhor! Para mim, é uma honra transportá-lo", acrescentou com uma vênia teatral. "Meus senhores!", chamou em seguida, com o braço erguido, agindo como se os negócios andassem às mil maravilhas, embora não houvesse mais ninguém a ser atendido. Aschenbach voltou ao convés.

Apoiando um dos braços na balaustrada, pôs-se a observar o povo desocupado, flanando pelo cais para assistir à partida do navio e seus companheiros de viagem. Os da segunda classe, homens e mulheres, acocoravam-se no convés da proa, usando caixotes e trouxas como assento. Um grupo de jovens ocupava o tombadilho destinado à primeira classe, empregados do comércio de Pula, ao que parecia, reunidos em grande euforia para uma excursão à Itália. O alarde que faziam de si mesmos e de sua iniciativa não era pouco: tagarelavam, riam, deleitavam-se, cheios de vaidade, com a própria pose e, debruçados sobre a balaustrada, gritavam gracejos aos colegas que, com a pasta debaixo do braço, passavam pela rua do porto tratando de negócios e que, em resposta, ameaçavam os folgazões com a bengalinha. Um dos viajantes, num terno de verão amarelo-claro, de corte ultramoderno, gravata vermelha e um panamá de abas audaciosamente viradas para cima, sobrepujava a todos em alacridade com sua voz esganiçada. Mas, assim que seus olhos se fixavam nele, Aschenbach percebeu com uma espécie de horror que era um jovem postiço. Era um velho, não havia dúvida. Rugas rodeavam-lhe os olhos e a boca, o carmesim baço das faces era ruge, o cabelo castanho sob o panamá de fita colorida, uma peruca, o pescoço, flácido, com os tendões à mostra, o bigodinho revirado e a mosca no queixo, tingidos, a dentadura completa e amarela, que exibia rindo, não passava de uma prótese barata. E suas mãos, com anel de sinete em cada indicador, eram as de um ancião. Aschenbach observava enojado aquele personagem e suas relações com os amigos. Será que não sabiam, não viam que era um velho, que não tinha direito a usar roupas como as deles, janotas e coloridas, que não tinha direito a se fazer passar por um deles? Tudo indicava que eles o toleravam em seu meio com naturalidade, como algo habitual; tratavam-no de igual para igual, retribuíam seus cutucões

irritantes, sem repugnância. Como era possível? Aschenbach cobriu a testa com a mão e fechou os olhos que ardiam, pois havia dormido pouco. Parecia-lhe que nem tudo se encaixava de modo habitual, como se começasse a lastrar-se um clima de pesadelo, uma desfiguração do mundo no sentido do insólito, que talvez pudesse ser detida, se ele deixasse a vista repousar um pouco na sombra antes de voltar a olhar em torno. No mesmo instante, porém, teve a sensação de que flutuava e, num sobressalto, tomado por um medo irracional, abriu os olhos e percebeu que o corpo pesado e escuro do navio lentamente se afastava do muro do cais. Polegada por polegada, avançando e recuando, obedecendo ao trabalho das máquinas, alargava-se a faixa de água suja, irisada de óleo, entre o cais e a parede do navio, e depois de custosas manobras o vapor voltou a proa para o mar aberto. Aschenbach passou para estibordo, onde o corcunda armara uma espreguiçadeira e um comissário de fraque ensebado veio oferecer-lhe seus préstimos.

O céu estava cinzento; o vento, úmido. O porto e as ilhas tinham ficado para trás e logo o último vestígio de terra desapareceu no horizonte nevoento. Flocos de fuligem, condensados pela umidade, caíam sobre o convés lavado que não queria secar. Uma hora depois estenderam um toldo, pois começara a chover.

Embrulhado em seu casacão, um livro no colo, o viajante descansava, alheio ao passar das horas. Havia parado de chover; retiraram o toldo. A visibilidade era completa. Sob a cúpula opaca do céu, estendia-se o disco imenso do mar deserto. Mas em meio ao espaço vazio e indiviso nossa consciência perde também a noção do tempo, de modo que vagamos no incomensurável. Silhuetas estranhas, o velho janota, o homem de cavanhaque lá do fundo do navio, deslizavam com gestos vagos e palavras confusas, como num sonho, pelo espírito em repouso de Aschenbach, que finalmente adormeceu.

Por volta do meio-dia, pediram-lhe que descesse ao salão de refeições, comprido como um corredor, onde desembocavam as portas dos camarotes e onde, na outra extremidade da longa mesa, cuja cabeceira ocupou, os empregados do comércio, incluindo o velho, estavam desde as dez horas bebericando em companhia do alegre capitão. A refeição era miserável e ele apressou-se em terminá-la. Sentia necessidade de subir para o ar livre, de olhar para o céu — quem sabe não iria clarear sobre Veneza?

Não havia sequer pensado que pudesse deixar de ser assim, pois sempre a cidade o recebera resplandecente. Mas céu e mar continuavam sombrios, cor de chumbo; vez por outra caía uma chuva nevoenta, e ele se conformou com a perspectiva de alcançar por via marítima uma Veneza diferente daquela que sempre encontrara quando vinha por terra. Permaneceu de pé, junto ao mastro do traquete, o olhar imerso na distância, buscando a terra. Recordava o poeta melancólico e entusiasta que outrora vira emergirem dessas águas as cúpulas e os campanários de seus sonhos, repetia mentalmente trechos do poema comedido que havia brotado da veneração, felicidade e tristeza então sentidas e, derivando ao sabor de sentimentos que já uma vez haviam sido configurados, interrogava seu coração sóbrio e

cansado, imaginando se porventura poderiam ainda estar reservadas ao viajante ocioso uma nova comoção e perturbação, uma aventura tardia do sentimento.

À sua direita, agora, emergia a linha plana da costa, barcos de pesca povoavam o mar. Surgiu a ilha do balneário; o vapor deixou-a à esquerda, deslizou com velocidade reduzida pelo estreito canal de mesmo nome e uma vez na laguna estacou diante das habitações pobres e coloridas, pois era preciso aguardar a barca do Serviço Sanitário.

Passou-se uma hora até que ela aparecesse. Haviam chegado e não haviam chegado. Não havia pressa, mas sentia-se impaciência. Os jovens habitantes de Pula, num acesso de patriotismo, em parte certamente provocado pelo toque marcial dos clarins a ecoar sobre as águas, vindo do Jardim Público, haviam acorrido ao convés e, exaltados pelo *asti*, gritavam vivas aos *bersaglieri* que se exercitavam lá do outro lado. Repugnante, porém, era ver o estado em que se encontrava o velho enfeitado, por querer compartilhar da juventude dos outros. Seu velho cérebro não pudera resistir ao vinho com a robustez juvenil dos outros, e ele estava lamentavelmente embriagado. Com o olhar embotado, um cigarro entre os dedos trêmulos, mantendo a custo o equilíbrio, ele cambaleava para a frente e para trás, sem sair do lugar. Já que ao primeiro passo teria caído, não se atrevia a ensaiá-lo; mostrava, porém, uma euforia lastimável: segurava pelo casaco qualquer um que se aproximasse, balbuciava, piscava, soltava risadinhas espremidas, erguia em riste o indicador enrugado, enfeitado com o anel, para dizer idiotices, e lambia os cantos da boca com a ponta da língua, numa insinuação nojenta. Aschenbach fitava-o com o cenho carregado e outra vez foi invadido por uma sensação de atordoamento, como se o mundo apresentasse uma leve, porém inevitável tendência à distorção, ao estranho e ao grotesco. Uma sensação à qual, todavia, não pôde entregar-se, devido às circunstâncias, pois as máquinas acabavam justamente de entrar em ação com seu ruído martelado, e o navio retomou seu curso, interrompido já tão próximo da chegada, entrando pelo canal de São Marcos.

Finalmente ele o revia, o mais incrível desembarcadouro, aquela deslumbrante, fantástica composição arquitetônica que a República oferecia ao olhar atônito e cheio de veneração dos navegantes que dela se aproximavam — a imponência etérea do Palácio, a Ponte dos Suspiros, as colunas à beira d'água com o leão e o santo padroeiro, o perfil da fabulosa catedral sobressaindo suntuoso, o portal e o gigantesco relógio, que se deixavam entrever — e, enquanto o contemplava, Aschenbach ponderou que chegar a Veneza de trem, vindo por terra, era o mesmo que entrar num palácio pela porta dos fundos, e que jamais alguém deveria aproximar-se da mais incrível de todas as cidades a não ser de navio, atravessando o mar, como o fizera agora.

As máquinas pararam, gôndolas se aglomeraram junto ao navio, a escada do portaló foi baixada, funcionários da alfândega subiram a bordo e lá cumpriram seu dever; o desembarque podia começar. Aschenbach deu a entender que desejava uma gôndola que o levasse com a bagagem ao porto

dos *vaporetti*, que trafegavam entre a cidade e o Lido, pois tinha a intenção de instalar-se à beira-mar. De acordo com seu desejo, o pedido é gritado aos gondoleiros que, lá embaixo, à superfície da água, discutem entre si em dialeto. Sem poder descer, enquanto sua mala está sendo arrastada e puxada com grande dificuldade pela escada estreita, Aschenbach se vê, por alguns minutos, impossibilitado de escapar ao assédio do velho repelente que, obedecendo a um obscuro impulso da sua embriaguez, resolve prestar ao estranho as honras da despedida. "Desejamos-lhe a melhor das estadas", baliu, em meio a rapapés. "Que tenha de nós uma boa lembrança! *Au revoir, excusez et bonjour*, excelência!" Sua boca baba, ele aperta os olhos, lambe os cantos da boca e a mosca tingida se eriça debaixo dos lábios senis. "Nossos cumprimentos", balbucia, tocando os lábios com dois dedos, "nossos cumprimentos à sua amada, à mais bela, à mais amada de todas as amadas." E eis que de repente sua dentadura superior escapa da maxila, caindo sobre o lábio inferior. Aschenbach conseguiu escapar: "À amada. À distinta amada", ouviu ainda às suas costas num tom arrulhado, surdo e entrecortado, enquanto descia a escada segurando-se ao corrimão de corda.

Quem não teria de combater um ligeiro arrepio, um secreto temor e aflição ao embarcar pela primeira vez, ou depois de muito tempo, numa gôndola veneziana? Esse estranho veículo, herança intacta de tempos medievais e tão singularmente negro como, dentre tudo que existe, só um ataúde pode ser, lembra aventuras criminosas e mudas na noite de águas rumorejantes, lembra ainda mais a própria morte, esquifes e sepulturas lúgubres e a derradeira viagem silenciosa. E alguém teria notado que o assento desses barcos, aquela cadeira de braços, laquea-da de negro esquife e estofada em preto fosco, é o assento mais macio, voluptuoso e embalador do mundo? Aschenbach o percebera, quando se acomodara aos pés do gondoleiro defronte à sua bagagem, cuidadosamente arrumada no bico recurvado da proa. Os gondoleiros continuavam discutindo, com gestos ameaçadores e palavras ásperas, incompreensíveis. Mas o silêncio singular da cidade aquática parecia absorver suas vozes com suavidade, torná-las etéreas e dispersá-las sobre as águas. Fazia calor ali no porto. Acariciado pelo sopro morno do siroco, recostado nas almofadas, à mercê do elemento complacente, o viajante cerrou os olhos, saboreando uma indolência tão rara quanto deliciosa. "A travessia será breve", pensava ele, "quem dera durasse para sempre!" Oscilando
suavemente, sentia que escapava ao tumulto e à algazarra.

Como tudo à sua volta se tornava silencioso, cada vez mais silencioso! Não se ouvia nada a não ser o chapinhar do remo, o baque oco das ondas contra o bico da proa, que se erguia a pique sobre a água, negro, com a ponta talhada em alabarda, e ainda um terceiro ruído, uma fala, um sussurro — o murmúrio do gondoleiro, que resmungava entre dentes, com a voz entrecortada, interrompida pelo trabalho dos braços. Aschenbach ergueu os olhos e com ligeiro assombro notou que a seu redor se estendia a vasta laguna e que navegavam rumo ao mar aberto. Parecia, por conseguinte, que não devia abandonar-se a um repouso demasiado descuidado, mas que era

preciso manter-se um pouco atento para fazer cumprir sua vontade.

— Vamos para a estação dos barcos — disse ele, virando a cabeça um pouco para trás. O murmúrio emudeceu. Não recebeu resposta.

— Vamos para a estação dos barcos! — repetiu, voltando-se inteiramente e encarando o gondoleiro que, às suas costas, de pé na popa alteada, se destacava contra o céu desbotado. Era um homem de fisionomia desagradável, brutal mesmo, vestindo roupa azul de marinheiro, com uma faixa amarela enrolada na cintura e um chapéu de palha já sem forma, cujo trançado começava a desfiar, atrevidamente caído de lado. O formato do rosto, o bigode louro e crespo sob o nariz curto e arrebitado faziam com que não parecesse de modo algum italiano. Embora de constituição mais para o franzino, a ponto de não parecer especialmente indicado para aquele ofício, manejava o remo com grande energia, empenhando todo o corpo em cada remada. Por vezes o esforço fazia com que contraísse os lábios, expondo seus dentes brancos. Com as sobrancelhas ruivas franzidas, olhava por cima de seu passageiro ao responder num tom decidido, quase grosseiro:

— O senhor vai para o Lido.

Aschenbach replicou:

— Certamente. Mas só tomei a gôndola para me levar até São Marcos. Quero pegar o *vaporetto*.

— Mas não pode pegar o *vaporetto*, meu senhor.

— Por que não?

— Porque o *vaporetto* não transporta bagagem.

Era verdade; Aschenbach lembrava-se agora. Calou-se. Mas a atitude áspera, presunçosa, do homem para com um estranho, tão pouco condizente com as tradições hospitaleiras da região, parecia-lhe intolerável. Assim, disse:

— Isso é problema meu. Talvez eu queira deixar minha bagagem em um depósito. O senhor pode tratar de voltar.

Silêncio. O remo chapinhava, a água golpeava a proa com um ruído surdo. E o monólogo resmungado recomeçou: o gondoleiro falava entre dentes consigo mesmo.

O que fazer? Sozinho no mar com aquele homem estranhamente insubordinado, sinistramente decidido, o viajante não encontrava um meio de fazer valer sua vontade. Além do mais, se não se exaltasse, que suave repouso seria aquela travessia! Não havia desejado que ela fosse mais longa, que pudesse prosseguir indefinidamente? O mais sensato era deixar as coisas seguirem seu rumo, o que, além de tudo, era extremamente agradável. Como um feitiço, a indolência parecia emanar de seu assento, daquela cadeira de braços, baixa, estofada de preto, tão docemente embalada pelas remadas do despótico gondoleiro às suas costas. A hipótese de ter caído nas mãos de um criminoso roçou como um sonho a mente de Aschenbach — sem conseguir exortar seus pensamentos a uma defesa ativa. Mais incômoda parecia ser a possibilidade de que tudo visasse apenas a uma mera extorsão de dinheiro. Uma espécie de sentimento do dever ou de orgulho, a lembrança, por assim dizer, de que se tem a obrigação de evitá-lo, possibilitou-lhe recuperar o

ânimo. Perguntou:

— Quanto cobra pela travessia?

E, olhando por cima de sua cabeça, o gondoleiro respondeu:

— O senhor pagará.

Diante disso, só havia uma resposta cabível. Aschenbach disse mecanicamente:

— Não pagarei nada, absolutamente nada, se o senhor não me levar para onde eu quero.

— O senhor quer ir para o Lido.

— Mas não com o senhor.

— Eu navego bem.

"Isso é verdade", pensou Aschenbach, e relaxou-se. "É verdade, navegas bem. Mesmo que só estejas interessado em meu dinheiro e, com um golpe de remo pelas costas, me envies para a mansão do Hades, terei feito uma boa viagem."

Porém não aconteceu nada disso. Tiveram até companhia: um bote com músicos ambulantes, homens e mulheres que cantavam ao som de guitarras e bandolins e insistiam em navegar lado a lado com a gôndola, preenchendo o silêncio que reinava sobre as águas com sua poesia mercenária. Aschenbach atirou algumas moedas no chapéu que lhe estendiam. Calaram-se então e se afastaram. E novamente se fez ouvir o sussurro entrecortado do gondoleiro em seu monólogo desconexo.

E assim chegaram por fim, balouçando na esteira de um vapor que partia rumo à cidade. Dois funcionários municipais andavam para cima e para baixo ao longo do cais, com as mãos nas costas, o rosto voltado para a laguna. Junto ao pontão, Aschenbach desceu da gôndola auxiliado por um desses velhos, sempre a postos com seu gancho de ferro em qualquer atracadouro de Veneza; e, como estava sem trocado, dirigiu-se ao hotel vizinho ao pontão para trocar o dinheiro e acertar as contas com o gondoleiro, como bem lhe aprouvesse. É atendido no saguão, retorna e encontra seus pertences numa carreta no cais — gôndola e gondoleiro haviam desaparecido.

— Ele se safou — disse o velho com o gancho de atracar. — É um mau sujeito, um homem sem concessão, prezado senhor. É o único gondoleiro que não tem concessão. Os outros telefonaram para cá. Ele viu que estava sendo esperado. Então se safou.

Aschenbach encolheu os ombros.

— O cavalheiro viajou de graça — disse o velho, e estendeu o chapéu. Aschenbach atirou-lhe umas moedas. Deu instruções para que sua bagagem fosse levada para o Hotel dos Banhos e seguiu a carreta pela alameda, coberta de flores brancas, que, ladeada por tavernas, bazares e pensões, atravessa a ilha, indo até a praia.

Entrou no espaçoso hotel pelo terraço do jardim dos fundos e, atravessando o amplo saguão, dirigiu-se para o vestíbulo, para a recepção. Como havia feito reserva, foi recebido com solicitude. Um gerente de bigode preto e usando casaca à francesa, um homenzinho discreto, de uma cortesia servil, acompanhou-o de elevador ao segundo andar e mostrou-lhe seu

quarto — um aposento agradável, com móveis de cerejeira, enfeitado com flores que exalavam um perfume forte, e cujas janelas altas tinham vista para o mar. Depois que o encarregado se retirou, Aschenbach aproximou-se de uma delas e, enquanto faziam subir sua bagagem e a acomodavam no quarto, ficou olhando a praia, deserta àquela hora da tarde, e o mar sem sol que, em maré cheia, lançava à costa ondas baixas e espraiadas, num compasso regular e tranquilo.

As observações e as vivências do solitário calado são ao mesmo tempo mais difusas e intensas do que as dos seres sociáveis; seus pensamentos, mais graves, mais fantasiosos e sempre marcados por um laivo de tristeza. Imagens e impressões que facilmente seriam esquecidas com um olhar, um sorriso, uma troca de opiniões ocupam-no mais do que o devido, aprofundam-se no silêncio, ganham significado, transformam-se em vivência, aventura, sentimento. A solidão engendra o original, o belo ousado e surpreendente, o poema. Mas engendra também o inverso, o desmedido, o absurdo e o ilícito. Era assim que as imagens da viagem — o horroroso velho janota com seus disparates sobre a amada, o gondoleiro clandestino, logrado em seu pagamento — ainda agora perturbavam o ânimo do viajante. Sem constituir um desafio à razão, sem fornecer, na verdade, material para reflexão, eram, no entanto, ao que lhe parecia, profundamente estranhas, por sua própria natureza, e era justamente essa contradição que as tornava inquietantes. Ao mesmo tempo, ele saudava o mar com os olhos e se alegrava em saber Veneza tão próxima, tão acessível. Finalmente deixou a janela, lavou o rosto, deu algumas instruções à camareira para sua maior comodidade e deixou-se conduzir ao andar térreo pelo suíço de uniforme verde que ocupava o posto de ascensorista.

Tomou seu chá no terraço que dava para o mar, depois desceu até a calçada do cais e seguiu por ela, caminhando um bom pedaço em direção ao Hotel Excelsior. Quando voltou, parecia já ser hora de vestir-se para o jantar. Ele o fez com vagar e minúcia, como era seu hábito, pois estava acostumado a trabalhar enquanto se arrumava, mas mesmo assim chegou um pouco cedo ao saguão, onde encontrou grande parte dos hóspedes, que, embora reunidos na expectativa comum do jantar, afetavam indiferença mútua, por serem estranhos entre si. Pegou um jornal da mesa, instalou-se numa poltrona de couro e pôs-se a observar aquela sociedade que se diferenciava, a seu ver favoravelmente, daquela de sua primeira estada.

Descortinava-se um horizonte amplo, a abranger em um clima de tolerância uma grande diversidade. Os sons das línguas mais difundidas mesclavam-se em surdina. O universal traje de noite, um uniforme de civilidade, reduzia exteriormente a diversidade humana a uma unidade decorosa. Via-se o rosto comprido e seco do americano, a prolífera família russa, damas inglesas, crianças alemãs com governantas francesas. O elemento eslavo parecia dominante. Bem junto dele, falava-se polonês.

Tratava-se de um grupo de jovens, mal saídos da adolescência, sob a tutela de uma governanta, ou dama de companhia, reunidos em torno de uma mesinha de vime: três mocinhas, aparentando entre 15 e 17 anos, e um

rapazinho de cabelos longos, de 14 anos talvez. Aschenbach notou com espanto que o rapaz era de uma beleza perfeita. Seu rosto pálido, graciosamente reservado, emoldurado por cabelos anelados cor de mel, o nariz reto, a boca adorável, a expressão de seriedade afável, digna de um deus, lembravam uma escultura grega do período áureo, sendo que à mais pura perfeição da forma aliava-se um encanto pessoal tão exclusivo que o observador acreditava jamais ter encontrado, quer na natureza, quer nas artes plásticas, algo que se aproximasse de um acabamento tão feliz. Além disso, o que chamava a atenção era um contraste patentemente fundamental entre os princípios educacionais que pareciam determinar o modo de vestir e o tratamento geral dispensado aos irmãos. O vestuário das três mocinhas, a mais velha das quais poderia passar por adulta, era austero e casto até a desfiguração. Um traje próprio para um convento, cor de ardósia, descendo até o meio da perna, sóbrio, de corte propositalmente sem caimento, suavizado apenas pelas golas brancas, sufocava e impedia que transparecesse qualquer graciosidade de formas. O cabelo liso e puxado para trás, colado à cabeça, tornava os rostos vazios e inexpressivos, como rostos de freiras. Indubitavelmente era uma mãe que ali reinava e jamais lhe ocorreria empregar com o rapaz a mesma severidade pedagógica que lhe parecia adequada às moças. Suavidade e ternura eram obviamente fatores determinantes na vida deste. Seu lindo cabelo fora poupado à tesoura e despencava em cachos sobre a testa, as orelhas e a nuca, como o do Spinario. O terno de marinheiro inglês, cujas mangas fofas iam-se estreitando até cingir justas os punhos delgados de suas mãos infantis mas esguias, com seus debruns, laços e bordados, emprestava um toque de requinte e mimo à figura delicada. Ele estava sentado, meio de perfil em relação ao observador, um pé mais avançado que o outro, calçando sapatos de verniz preto, um cotovelo apoiado no braço de sua poltrona de vime, a face pousada na mão fechada, numa pose negligente e cheia de graça, inteiramente desprovida da rigidez quase subalterna a que suas irmãs pareciam acostumadas. Sua saúde seria delicada? Pois a pele do rosto se destacava branca como marfim da sombra dourada dos caracóis que o emolduravam. Ou seria apenas uma criança mimada, o predileto, produto de um amor parcial e caprichoso? Aschenbach se dispunha a acreditar nisso. Quase todo artista traz em sua própria natureza uma tendência inata voluptuosa e pérfida a condescender com a injustiça que favoreça a beleza, e a aplaudir com simpatia predileções aristocráticas.

Um garçom veio anunciar em inglês que o jantar estava servido. Lentamente o grupo foi se dispersando, passando para o salão de refeições, transpondo a porta de vidro que o separava do saguão. Passavam retardatários, vindos do elevador ou do vestíbulo. Lá dentro começavam a servir, mas os poloneses permaneciam ainda em torno de sua mesinha de vime, e Aschenbach, confortavelmente instalado em sua poltrona, tendo, de resto, o Belo diante dos olhos, esperava com eles.

Finalmente a governanta, uma senhora de rosto rubicundo, baixa e corpulenta, fez sinal para que se levantassem. Erguendo as sobrancelhas, ela

empurrou a cadeira para trás e se inclinou com reverência, quando uma senhora alta, vestida de cinza-claro e ostentando pérolas valiosíssimas, entrou no saguão. Sua atitude era fria e comedida, o penteado, levemente empoado, assim como o feitio do vestido, daquela simplicidade que caracteriza o bom gosto em determinados círculos sociais, em que uma certa dose de piedade faz parte da distinção. Ela poderia passar por esposa de um alto funcionário alemão. O único toque de um luxo fantástico em sua aparência era dado pelas joias, de valor, de fato, inestimável: um par de brincos e um colar de três voltas, muito longo, de pérolas do tamanho de cerejas, cintilando suavemente.

Os irmãos haviam-se levantado prontamente. Inclinaram-se para beijar a mão da mãe, que, esboçando um sorriso no rosto cuidado, mas algo cansado e de nariz pontiagudo, olhava por cima de suas cabeças, dirigindo à governanta algumas palavras em francês. Depois encaminhou-se para a porta de vidro. Os filhos a seguiram: primeiro as moças, por ordem de idade, depois a governanta, por último, o rapaz. Por um motivo qualquer, este se voltou antes de transpor o limiar e, como não houvesse mais ninguém no salão, seus olhos de um estranho cinza-alvorada encontraram os de Aschenbach, que, profundamente absorto em sua contemplação, o jornal abandonado sobre os joelhos, seguia com os seus o grupo que se afastava.

O que vira certamente não apresentara nenhuma particularidade notável. Não tinham ido para a mesa antes da mãe, haviam esperado por ela, haviam-na cumprimentado respeitosamente e observado as convenções usuais ao passar para a outra sala. Só que tudo isso se passara de modo tão expressivo, com um acento de disciplina, dever e dignidade, que Aschenbach sentiu-se estranhamente comovido. Hesitou ainda durante alguns instantes e depois dirigiu-se, por sua vez, ao salão, deixando que lhe indicassem sua mesa que, como constatou com ligeiro pesar, ficava bem afastada da família polonesa.

Cansado, mas espiritualmente agitado, ocupou-se durante a demorada refeição com assuntos abstratos, transcendentes mesmo. Refletiu sobre a misteriosa relação que se deve estabelecer entre o geral e o particular para que surja a beleza humana, daí passou para problemas genéricos da forma e da arte, e terminou por concluir que seus pensamentos e achados se assemelhavam a certas inspirações do sonho, aparentemente felizes, mas que se revelam totalmente vazias e inúteis quando se desperta. Depois do jantar, permaneceu algum tempo no parque impregnado de perfumes noturnos, fumando, caminhando, sentando-se aqui e ali. Recolheu-se cedo e dormiu a noite toda de um sono só, profundo, embora povoado por inúmeras visões.

No dia seguinte, o tempo não prenunciava melhora. O vento soprava da terra. Sob um céu lividamente encoberto, o mar jazia numa calmaria embotada, como que encarquilhado, limitado por um horizonte insipidamente próximo ao largo e tão recuado da praia que deixava expostas várias fileiras de longos bancos de areia. Quando Aschenbach abriu sua janela, acreditou sentir o cheiro podre da laguna.

Foi tomado de mau humor. No mesmo instante, pensou em partir. Uma vez, havia muitos anos, depois de semanas de uma primavera radiante, esse mesmo tempo o surpreendera ali e prejudicara-lhe a saúde a tal ponto que se vira obrigado a abandonar Veneza às pressas, como um fugitivo. Já não se apresentavam outra vez o mesmo mal-estar febril, a pressão nas têmporas, o peso das pálpebras? Mudar de paradeiro ainda uma vez seria maçante; porém, se o vento não mudasse, ali também não era lugar para ele. Por segurança não desarrumou inteiramente as malas. Às nove horas, fez seu desjejum na sala destinada a esse fim, situada entre o saguão e a de refeições.

Reinava no local aquele silêncio solene que faz parte da distinção ambicionada pelos grandes hotéis. Os garçons deslizavam sem ruído entre as mesas, fazendo seu serviço. O tinir de uma xícara, uma palavra sussurrada era tudo que se podia ouvir. Num dos cantos da sala, diagonalmente oposto à porta, duas mesas depois da sua, Aschenbach viu as mocinhas polonesas com a governanta. Sentavam-se muito eretas, o cabelo louro-acinzentado recém-penteado, os olhos avermelhados, usando vestidos de linho azul engomado, com punhos e golas brancos, e passavam uma para a outra o vidro de geleia. Já terminavam o desjejum. Faltava o rapaz.

Aschenbach sorriu. “Então, pequeno feácio!”, pensou. “Parece que só a ti é dado o privilégio de dormir tanto quanto queiras.” E, num súbito bom humor, recitou consigo mesmo o verso: “Adornos sempre variados, banhos quentes e repouso sossegado.”

Fez seu desjejum sem pressa, recebeu a correspondência que lhe fora reenviada e que o porteiro viera entregar pessoalmente, entrando na sala com o boné engalanado na mão, e abriu algumas cartas, enquanto fumava um cigarro. Foi assim que pôde ainda presenciar a chegada do dorminhoco, que estava sendo esperado na outra mesa.

Entrou pela porta de vidro e atravessou a sala em diagonal até a mesa de suas irmãs. Seu andar, tanto pela postura dos ombros como pelo movimento dos joelhos e o modo de pisar com os sapatos brancos, era de uma graça extraordinária, muito leve, ao mesmo tempo delicado e orgulhoso, e embelezado ainda mais pela timidez infantil com que por duas vezes durante o trajeto, virando a cabeça para dar uma olhada na sala, ergueu e baixou rapidamente os olhos. Sorrindo e com uma palavra à meia-voz, em sua língua suave e fluida, tomou seu lugar à mesa, e, agora que se encontrava inteiramente de perfil para o observador, este se espantou novamente e ainda mais do que na véspera, chegando mesmo a se assustar com a beleza verdadeiramente divina daquela criança. O rapaz usava hoje um conjunto com um leve blusão de algodão listrado de azul e branco, arrematado por um laço de seda vermelha no peito e um simples colarinho branco engomado. Mas sobre esse colarinho, que, aliás, não assentava bem com o modelo da roupa, pousava a cabeça, botão desabrochando num encanto incomparável — a cabeça de Eros, com o reflexo amarelado do mármore de Paros, sobrancelhas finas e sóbrias, têmporas e orelhas cobertas pela sombra sedosa dos cabelos encaracolados, que desciam em ângulo reto a

partir da fronte.

"Bom, muito bom!", pensava Aschenbach, com aquela aprovação fria de perito com que os artistas mascaram por vezes seu deslumbramento, seu arrebato diante de uma obra-prima. E prosseguindo em seus pensamentos: "Na verdade, não fossem o mar e a praia à minha espera, eu ficaria aqui, enquanto aí estivesses!" Mas desde que não era esse o caso, atravessando o saguão sob os cuidados atenciosos do pessoal, desceu os degraus do amplo terraço e, tomando a passarela de madeira, foi direto para a praia reservada aos hóspedes do hotel. Fez-se conduzir pelo velhote descalço, com calças de linho, blusão de marinheiro e chapéu de palha, à cabine alugada, mandou colocar mesa e cadeira do lado de fora, na plataforma de madeira coberta de areia, e acomodou-se na espreguiçadeira, que puxara mais para perto do mar, na areia amarelo-cera.

O cenário da praia, o espetáculo da civilização despreocupada e sensualmente entregue ao prazer à beira do elemento natural, distraiu-o e alegrou-o como nunca. O mar cinzento e raso já estava animado por crianças chapinhando na água, nadadores, figuras coloridas estendidas nos bancos de areia, com os braços cruzados sob a cabeça. Outros remavam em pequenos botes sem quilha, pintados de azul e vermelho, rindo quando soçobravam. Diante da extensa fileira de cabines, em cujas plataformas as pessoas ficavam sentadas, como em pequenas varandas, a agitação das brincadeiras se alternava com o repouso indolente dos corpos estirados; havia visitas, conversas, uma cuidadosa elegância matinal convivia com a nudez, que, ousada e cômoda, desfrutava a liberdade permitida pelo local. Mais adiante, na areia úmida e firme, figuras isoladas perambulavam usando roupões brancos ou camisas folgadas de cores vivas. À direita, um complicado castelo de areia construído por crianças estava rodeado por bandeirinhas com as cores de todos os países. Vendedores de mariscos, bolos e frutas expunham suas mercadorias, ajoelhando-se. À esquerda, diante de uma das cabines que, dispostas numa linha perpendicular com relação às outras e ao mar, delimitavam desse lado o fim da praia, estava acampada uma família russa: homens barbudos, com dentes grandes e fortes, mulheres acabadas e indolentes, uma senhorita da região do Báltico que, sentada diante de um cavalete, pintava o mar com exclamações de desespero, duas crianças feias mas simpáticas e uma velha criada de lenço na cabeça e modos de escrava delicadamente servis. Lá estavam eles a desfrutar a vida com gratidão, chamando incansavelmente pelas crianças desobedientes, que não paravam quietas, gracejando longo tempo e usando seus parcos conhecimentos de italiano com o velhote engraçado que lhes vendia doces, trocando beijos na face, e sem a menor preocupação de estarem sendo observados.

"Vou ficar", pensou Aschenbach. "Onde poderia estar melhor?" E com as mãos cruzadas no colo deixou os olhos se perderem na vastidão do mar, deixou seu olhar resvalar, anuviar-se, fragmentar-se na monotonia unicolor da imensidão deserta. Amava o mar por razões profundas: pela necessidade de repouso do artista exausto que, assediado pela multiformidade das

aparências, anseia por abrigar-se no seio da simplicidade, da imensidão, e por um pendor proibido, diametralmente oposto à sua tarefa e por isso mesmo tentador, para o indiviso, o desmedido, o eterno, para o nada. Repousar na perfeição é o anseio nostálgico daquele que se esforça por alcançar a excelência; e o nada não é uma forma de perfeição? Mas enquanto sonhava assim, tão profundamente imerso no vazio, a linha horizontal da orla da praia foi subitamente cortada por uma silhueta humana, e ao recolher seu olhar disperso no ilimitado, concentrando-o, viu que era o belo rapaz que, vindo da esquerda, passava pela areia à sua frente. Vinha descalço, pronto a entrar na água, as pernas esguias descobertas até acima dos joelhos, andando vagarosamente, mas com tal leveza e tão dono de si, como se estivesse habituado a andar descalço. Olhava na direção das cabines transversais; mal, porém, deparou com a família russa, que em grata harmonia seguia seus hábitos, uma tempestade de desprezo colérico cobriu-lhe o rosto. Sua fronte anuviou-se, a boca contraiu-se num esgar desdenhoso, que lhe traçou numa das faces um vinco amargo, e as sobrancelhas franziram-se tão fortemente que os olhos ficaram fundos, faiscando, zangados e escuros, a linguagem do ódio. Olhou para o chão, voltou a lançar um olhar ameaçador, e depois, sacudindo os ombros, num gesto brusco de desdém, deu as costas aos inimigos.

Uma espécie de sentimento de delicadeza, ou constrangimento, algo como respeito e pudor, fez com que Aschenbach desviasse os olhos, como se nada tivesse visto, pois repugna ao homem sério, testemunha casual de uma paixão, fazer uso daquilo que presenciou, mesmo que o faça a sós consigo mesmo. Estava, porém, simultaneamente satisfeito e abalado, ou seja: encantado. Esse fanatismo infantil, que se voltava contra a mais inofensiva cena de vida, trazia o divino impessoal para dimensões humanas, fazia com que uma preciosa obra-prima da natureza, que até então só servira para deleite dos olhos, se mostrasse digna de um interesse mais profundo e emprestava à figura do adolescente, já tão expressiva só por sua beleza, um relevo que permitia tomá-lo a sério, a despeito da pouca idade.

Ainda sem se voltar, Aschenbach, aguçando o ouvido, pôde ouvir a voz do rapaz, a voz clara e um pouco débil, com que já de longe se fazia anunciar, numa saudação aos companheiros entretidos com o castelo de areia. Responderam chamando-o várias vezes pelo nome, ou por algum diminutivo carinhoso, que Aschenbach se esforçava por ouvir com certa curiosidade, mas sem lograr distinguir nada além de duas sílabas melodiosas que soavam como “Adgio” ou, mais vezes ainda, “Adgiu”, com um som de “u” prolongado no final do chamado. O som agradou-o, achou a eufonia apropriada ao objeto, repetiu-o consigo mesmo e, satisfeito, passou a ocupar-se de suas cartas e papéis.

Com sua pequena pasta de viagem sobre os joelhos, usando a caneta-tinteiro, começou a despachar a correspondência. Mas já 15 minutos depois convencia-se de que era uma pena ausentar-se assim em espírito da situação mais saborosa que conhecera, negligenciá-la por uma ocupação banal. Pôs de lado a papelada e voltou a concentrar-se no mar, mas não por muito tempo,

pois logo, atraído pelas vozes dos jovens ocupados com o castelo de areia, virava negligentemente para a direita a cabeça que descansava no encosto da cadeira, para observar novamente as atividades do maravilhoso Adgio.

Descobriu-o ao primeiro relance; o laço vermelho no peito era inconfundível. Entretido com os outros em colocar uma tábua velha como ponte sobre o fosso úmido do castelo de areia, dirigia a execução do trabalho com ordens em voz alta e acenos de cabeça. Tinha consigo uns dez companheiros, meninos e meninas mais ou menos de sua idade e alguns mais novos, tagarelando numa confusa mistura de polonês, francês e idiomas balcânicos. Mas seu nome era o que se ouvia com mais frequência. Evidentemente era procurado, cortejado e admirado por todos. Um deles, também polonês, a quem chamavam "Jaschu", ou algo assim, rapaz robusto de cabelos pretos untados de brilhantina e traje de linho acinturado, parecia ser seu primeiro vassalo e amigo. Quando deram por encerrado o trabalho do dia na construção, afastaram-se os dois, caminhando abraçados pela areia, e aquele a quem chamavam "Jaschu" beijou o belo.

Aschenbach sentiu-se tentado a ameaçá-lo com o dedo em riste: "Quanto a ti, Critóbulo", pensou sorrindo, "passa um ano viajando! Pois, no mínimo, será esse o tempo necessário para que te cures." Depois comeu alguns morangos, grandes e bem maduros, que comprou de um vendedor ambulante. Fazia muito calor, embora o sol não conseguisse varar a camada de névoa que cobria o céu. A indolência amarrava o espírito, enquanto os sentidos desfrutavam da companhia formidável e atordoante da calmaria marinha. Adivinhar, investigar qual o nome que pudesse soar mais ou menos como "Adgio" pareceu àquele homem sério uma tarefa apropriada, uma ocupação perfeita. E, com o auxílio de algumas reminiscências polonesas, concluiu que devia tratar-se de "Tadzio", diminutivo de "Tadeus", soando "Tadziu", com a vogal final mais fechada e prolongada pela entonação de chamamento.

Tadzio se banhava. Aschenbach, que o perdera de vista, descobriu sua cabeça, o braço erguido para uma braçada, bem longe no mar, que devia ser raso numa grande extensão. Mas parecia que já se preocupavam com ele, vozes femininas já o chamavam da cabine, proferindo outra vez aquele nome que dominava a praia quase como uma senha e que, com suas consoantes suaves e o "u" final prolongado num apelo, tinha algo simultaneamente doce e selvagem: "Tadziu! Tadziu!" Ele estava de volta, corria contra a maré, golpeando a água que se transformava em espuma contra suas pernas, a cabeça jogada para trás. E ver como essa forma viva, graciosa e rude em sua pré-virilidade, emergia e escapava do elemento natural, brotando das profundezas do mar e do céu, com os cabelos gotejantes, belo como um deus, era uma visão que inspirava concepções míticas, era como o anúncio poético do início dos tempos, das origens das formas do nascimento dos deuses. Aschenbach, de olhos fechados, procurava seguir o cântico que se insinuava em seu íntimo, e pensou novamente que se sentia bem ali e que desejava ficar.

Pouco depois, Tadzio descansava do banho, deitado na areia, enrolado

em sua toalha branca que deixava livre o ombro direito, a cabeça apoiada no braço nu, e Aschen-bach, embora não olhasse para ele, ocupado em ler algumas páginas de seu livro, não esquecia nem por um momento que ele lá estava deitado e que lhe bastava voltar ligeiramente a cabeça para contemplar o admirável. Chegava quase a lhe parecer que estava ali sentado para proteger o rapaz que repousava — ocupado com seus próprios assuntos, mantinha, porém, sob constante vigilância o nobre exemplar humano à sua direita, não muito distante dele. E uma dedicação paternal, a devoção enternecida daquele que com sacrifício cria o belo em espírito para com aquele que possui a beleza, transbordava de seu coração.

Depois do meio-dia, deixou a praia, voltou ao hotel e tomou o elevador para subir até seu quarto. Lá se quedou um bom tempo diante do espelho, observando os cabelos grisalhos, o rosto cansado e marcado. Pensava nesse momento em sua fama e em quantos o reconheciam na rua, olhando-o com reverência, graças à precisão infalível, coroa-da de graça, de seu verbo — enumerou todas as conquistas exteriores de seu talento, que lhe ocorriam à memória sem que soubesse por quê, lembrando-se até do seu título de nobreza. Em seguida, desceu para o almoço no salão, onde fez a refeição sentado à sua mesinha. Ao entrar de volta no elevador, um grupo de jovens, igualmente vindos do almoço, apinhou-se depois dele no cubículo suspenso, e

Tadzio entrou também. Ficou bem perto de Aschenbach, pela primeira vez tão perto que este pôde vê-lo, não como um quadro a distância correta, mas em detalhe, discernindo os pormenores de sua dimensão humana. Alguém disse algo ao rapaz e, enquanto ele respondia com um sorriso de uma doçura indescritível, já saía do elevador no primeiro andar, recuando de costas com os olhos baixos. “A beleza engendra o pudor”, pensou Aschenbach, pondo-se a refletir sobre o porquê disso. Notara, entretanto, que os dentes de Tadzio não eram muito satisfatórios: um pouco pontiagudos e baços, sem o esmalte dos dentes saudáveis e com aquela transparência frágil que costuma caracterizar os casos de anemia. ‘‘Ele é muito frágil, é enfermiço’’, pensou Aschenbach. ‘‘Provavelmente não chegará à velhice.’’ E renunciou a explicar perante si mesmo a sensação de prazer ou alívio que acompanhou esse pensamento.

Passou duas horas em seu quarto e à tarde rumou para Veneza com o *vaporetto*, atravessando a laguna, que desprendia um cheiro podre. Desembarcou em São Marcos, tomou chá na praça e depois, de acordo com o programa que costumava seguir quando estava em Veneza, começou seu passeio pelas ruas da cidade. Essa caminhada, porém, iria acarretar uma total reviravolta em seu estado de espírito e em suas decisões.

Um calor abafado, repugnante, se espalhava pelas ruelas; o ar era tão denso que os odores que se desprendiam das casas, lojas e tavernas — exalações de óleo, baforadas de perfume e muitos outros — pairavam, sem se dispersar. A fumaça do cigarro permanecia suspensa no mesmo lugar, só se dissipando com extrema lentidão. O fluxo de transeuntes nas vielas estreitas incomodava o caminhante, em vez de distraí-lo. Quanto mais andava, mais

torturantemente se sentia dominado por aquele estado detestável que a maresia, aliada ao siroco, pode provocar, e que é um misto de excitação e abatimento. Um suor desagradável brotava-lhe dos poros. Os olhos recusavam-se a enxergar, o peito estava opresso, tinha febre, o sangue latejava-lhe nas têmporas. Fugindo da aglomeração das ruas do comércio, atravessando pontes, foi parar nos becos dos pobres. Aí viu-se assediado por mendigos, e as emanações nauseabundas dos canais impediam-no de respirar. Numa praça silenciosa, um daqueles recantos esquecidos e como que encantados que se encontram no coração de Veneza, descansando à beira da fonte, ele enxugou a testa e reconheceu que tinha de partir.

Pela segunda vez, e agora definitivamente, estava provado que essa cidade, nessas condições atmosféricas, era-lhe extremamente prejudicial. Obstinar-se em ficar seria absurdo. A perspectiva de uma mudança de vento era muito incerta. Impunha-se uma rápida decisão. Voltar agora para casa era impossível. Nem a residência de inverno nem a de verão estariam prontas para recebê-lo. Mas não era só em Veneza que havia mar e praia; podiam-se encontrá-los também em outros lugares e sem o complemento nocivo da laguna e seus miasmas. Lembrou-se de um pequeno balneário marítimo, não muito distante de Trieste, que lhe haviam recomendado. Por que não ir até lá? E isso sem mais demora, para que ainda valesse a pena uma nova mudança de estada. Deu-se por decidido e levantou-se. Na parada de gôndolas mais próxima, tomou uma embarcação, deixando-se conduzir até São Marcos pelo sombrio labirinto de canais, sob delicados balcões de mármore, flanqueados por leões esculpidos, dobrando esquinas de muros escorregadios, passando por lúgubres fachadas palacianas que espelhavam na água ondulante, em meio aos detritos, grandes letreiros comerciais. Teve dificuldade em chegar a seu destino, pois o gondoleiro, em conluio com os fabricantes de renda e vidreiros, tentava convencê-lo a parar por toda a parte para visitas e compras, e assim, quando a exótica viagem pelos canais de Veneza começava a exercer sua magia, o rapace espírito comercial da rainha submersa entrava em cena, reconduzindo a consciência a uma aborrecida sobriedade.

De volta ao hotel, antes mesmo do jantar, avisou a recepção de que circunstâncias imprevistas forçavam-no a partir logo cedo na manhã seguinte. Lamentaram que assim fosse e apresentaram-lhe a conta. Ele fez sua refeição e aproveitou a noite cálida para ler alguns jornais numa cadeira de balanço no terraço dos fundos. Antes de se deitar, aprontou toda a bagagem para a partida.

Seu sono não foi dos melhores, pois a iminência de uma nova viagem deixava-o inquieto. Quando abriu a janela de manhã, o céu continuava encoberto, mas o ar já estava mais fresco e seu arrependimento também já começava. O aviso dado à recepção não teria sido precipitado e errôneo, fruto de uma indisposição doentia? Se houvesse retardado um pouco essa iniciativa; se, em vez de desanimar tão rápido, tivesse arriscado uma tentativa de adaptação ao clima veneziano, ou uma possível melhora do tempo, teria agora pela frente, em vez de correria e incômodos, uma manhã

na praia, como a da véspera. Tarde demais. Agora era preciso partir, perseverar no que quisera ontem. Vestiu-se e às oito horas desceu ao térreo para o desjejum.

Não havia ainda nenhum hóspede na sala do bufê quando ele entrou. Um ou outro foi chegando, enquanto, sentado à mesa, aguardava ser servido. Levando aos lábios a xícara de chá, viu chegarem as mocinhas polonesas com sua acompanhante; rígidas, exalando um frescor matinal, com os olhos avermelhados, dirigiram-se à sua mesa no canto, junto à janela. Logo depois, o porteiro aproximou-se, com o boné na mão, para pedir que se apressasse. O automóvel já estava à espera, pronto para levá-lo com outros hóspedes ao Hotel Excelsior, de onde seriam transportados de lancha para a estação, pelo canal particular da companhia. O tempo era escasso. Aschenbach não era da mesma opinião. Faltava ainda mais de uma hora para seu trem partir. Irritava-o a mania dos hotéis de despachar seus hóspedes antes do tempo, e deu a entender ao porteiro que desejava fazer seu desjejum em paz. O homem afastou-se hesitante, para reaparecer cinco minutos depois. O carro não podia esperar mais; era impossível. Pois que partisse então, levando sua bagagem, retrucou Aschen-bach, irritado. Ele preferia tomar por sua conta o vapor comum, quando fosse hora; que fizessem o favor de deixar a seu cargo as preocupações com sua partida. O empregado inclinou-se. Aschenbach, satisfeito por ter se livrado das importunas advertências, terminou sem pressa sua leve refeição e ainda pediu um jornal ao garçom. Quando finalmente se levantou, o tempo se tornara realmente escasso. Casualmente, nesse mesmo instante, Tadzio entrava pela porta de vidro. Dirigindo-se à mesa dos seus, cruzou o caminho do hóspede que partia, baixou os olhos com modéstia diante do homem grisalho, de testa alta, para, naquele seu jeito gracioso, imediatamente tornar a erguê-los, suaves e muito abertos a fitá-lo, e passou. “Adeus, Tadzio!”, pensou Aschenbach. “Tive pouco tempo para ver-te.” E acrescentou, articulando com os lábios seus pensamentos, pronunciando-os, contra seu hábito, em voz baixa: “Deus te abençoe!” Depois preparou-se para partir, distribuiu gorjetas, recebeu as despedidas do gerente baixo e discreto que trajava casaca à francesa, e deixou o hotel a pé, como chegara, seguido pelo criado que carregava sua maleta de mão, seguindo pela alameda florida de branco, que atravessava a ilha, em direção ao ancoradouro dos vapores. Lá chegando, embarcou, tomou lugar — e o que se seguiu foi uma viagem de sofrimentos, atormentada, atravessando todos os abismos do arrependimento.

Era a costumeira travessia da laguna, passando por São Marcos, subindo o Grande Canal. Aschenbach estava sentado no banco semicircular da proa, o braço apoiado na balaustrada, protegendo os olhos da claridade com a mão. O Jardim Público ficou para trás, a Piazetta apresentou ainda uma vez sua graça principesca e foi abandonada, seguiu-se o grandioso alinhamento de palácios e, depois da curva do canal, surgiu o esplendoroso arco de mármore do Rialto. O viajante olhava aquilo tudo e tinha o peito dilacerado. A atmosfera da cidade, esse odor ligeiramente pútrido de mar e mangue, de

que se vira tão veementemente compelido a fugir — agora ele o aspirava em haustos profundos, meigamente dolorosos. Era possível que ele não soubesse, que não tivesse levado em conta o quanto seu coração estava apegado a tudo isso? O que hoje pela manhã fora um vago pesar, uma ligeira dúvida quanto ao acerto de sua decisão, transformava-se agora em angústia, em verdadeira dor, num tormento de alma tão amargo que fez com que seus olhos se enchessem de lágrimas por várias vezes e o qual, como dizia a si mesmo, jamais teria podido prever. O que lhe parecia tão difícil de suportar e que por momentos chegava a ser absolutamente intolerável era certamente a ideia de que nunca mais deveria tornar a ver Veneza, de que esta era uma despedida definitiva. Desde que, pela segunda vez, se evidenciava que a cidade o deixava doente; desde que, pela segunda vez, se via obrigado a abandoná-la precipitadamente, tinha de encará-la, a partir de então, como uma paragem impossível, proibida, acima de suas forças, e visitá-la novamente não teria sentido. Sim, ele sentia que, partindo agora, vergonha e orgulho teriam de impedi-lo de rever alguma vez a cidade amada, perante a qual por duas vezes seu físico falhara; e esse conflito entre o pendor da alma e a capacidade física subitamente pareceu, ao homem que envelhecia tão grave e decisivo, a derrota física, tão humilhante, devendo tão necessariamente ser evitada a qualquer preço, que ele não entendia a leviana resignação com que na véspera se dispusera a admiti-la, a suportá-la, sem lutar seriamente.

Entrementes o vapor se aproximava da estação, e a dor e o desamparo se intensificaram até a perplexidade. Ao atormentado, partir se afigura impossível; voltar atrás, não menos. Assim, entrou na estação, totalmente dilacerado. É muito tarde, não tem um minuto a perder se deseja alcançar o trem. Ele quer e não quer. Mas o tempo urge, aguilhoando-o a seguir em frente; ele se apressa em adquirir sua passagem e olha ao redor, tentando localizar no tumulto do saguão o funcionário da companhia hoteleira destacado para o local. O homem aparece e comunica que a mala grande já foi despachada. “Despachada? Sim, sem incidentes, para Como. Para Como?” E, num rápido vaivém de explicações, perguntas irritadas e respostas embaraçadas, revela-se que já no setor de expedição do Hotel Excelsior a mala fora despachada junto com outra bagagem em direção inteiramente errada.

Aschenbach teve dificuldade em manter a única fisionomia compatível com as circunstâncias. Uma alegria extravagante, um regozijo incrível sacudiam-lhe o peito quase convulsivamente. O funcionário disparou para ver se ainda era possível deter a mala, mas, como era de se esperar, voltou de mãos abanando. Aschenbach declarou então que sem sua bagagem não partiria e que estava decidido a voltar e aguardar no Hotel dos Banhos o retorno do volume extraviado. A lancha da companhia estaria ainda no cais da estação? O homem afirmou que sim, que estava ancorada em frente à porta. Com verbosidade italiana, ele intimou o encarregado do guichê a aceitar a devolução da passagem, jurou que iam telegrafar, que não deixariam de recorrer a todos os meios, que não poupariam esforços para

recuperar a mala o mais breve possível — e assim se deu o curioso fato de o viajante, vinte minutos após sua chegada à estação, encontrar-se outra vez no Grande Canal, de volta ao Lido.

Que aventura mais estranha, incrível, humilhante, cômico-fantástica: ser virado e arremessado de volta pelo destino, como um boneco; voltar a rever em menos de uma hora lugares de que há pouco se despedira para sempre com a mais profunda melancolia! Com a proa coberta de espuma, manobrando ágil e gaiato por entre gôndolas e barcos a vapor, o apressado barquinho disparou rumo a seu destino, enquanto seu único passageiro ocultava sob uma máscara de resignação contrariada a excitação temerosa e audaz de um garoto que fugiu de casa. De quando em quando, seu peito era ainda sacudido por um riso interior, ao pensar nesse infortúnio, pelo qual, como dizia a si mesmo, nem mesmo um protegido da sorte seria mais favorecido. Havia explicações a dar, rostos surpresos a enfrentar — e depois, pensava, tudo estaria em ordem novamente, um desastre tinha sido evitado, um grave erro, corrigido, e tudo que acreditara ter deixado para trás estaria novamente a seu dispor, seria novamente seu, pelo tempo que desejasse... Além do mais, seria uma ilusão provocada pela velocidade, ou, de fato, o vento agora vinha do mar?

As ondas batiam contra os muros de concreto do estreito canal que atravessava a ilha até o Hotel Excelsior. De lá, um ônibus que estava à sua espera conduziu-o em linha reta, beirando o mar encarneirado até o Hotel dos Banhos. O pequeno gerente de bigode e casaca de abas longas desceu a escadaria para recebê-lo.

Num leve tom de adulação, lamentou o incidente, qualificando-o de extremamente desagradável, tanto para si quanto para a organização, porém aprovou com convicção a decisão de Aschenbach de aguardar ali sua bagagem. Naturalmente seu quarto já havia sido ocupado, mas um outro, em nada inferior, já estava à sua disposição. "*Pas de chance, monsieur*", disse, sorrindo, o ascensorista suíço enquanto subiam. E assim o fugitivo foi novamente instalado, e num quarto quase idêntico ao anterior, tanto pela localização quanto pela mobília.

Exausto, atordoado pelo torvelinho dessa manhã estranha, depois de distribuir pelo quarto o conteúdo de sua maleta de mão, deixou-se cair numa poltrona junto à janela aberta. O mar adquirira uma pálida tonalidade esverdeada, o ar parecia mais leve e puro, a praia, com suas cabines e botes, mais colorida, embora o céu continuasse ainda cinzento. Aschenbach olhava para fora, as mãos enlaçadas no colo, satisfeito por estar ali, meneando a cabeça, reprovando sua inconstância, sua ignorância dos próprios desejos. Ficou sentado assim uma hora, descansando e sonhando, sem pensar. Por volta de meio-dia viu Tadzio que, de traje de linho listrado, com laço vermelho, vinha do mar, atravessando a passagem da praia e caminhando pela passarela de madeira, de volta ao hotel. Aschenbach reconheceu-o imediatamente pelo porte, antes mesmo que a imagem se fixasse propriamente em seus olhos, e quis pensar algo como: "Salve, Tadzio! Tu também estás de volta!" Mas no mesmo instante sentiu como essa saudação

negligente soçobrava e emudecia ante a verdade de seu coração — sentiu o arrebatamento de seu sangue, a alegria, a dor de sua alma e percebeu que fora Tadzio que lhe tornara a despedida tão custosa.

Sentado, completamente imóvel e invisível em seu posto de observação elevado, olhou para si mesmo. Suas feições estavam despertas, suas sobrancelhas soerguidas, a boca se distendia num sorriso atento, que revelava uma curiosidade sutil, espiritual. Depois, ergueu a cabeça e com os dois braços, que pendiam inertes da poltrona, descreveu lentamente um movimento circular e ascendente, as palmas das mãos voltadas para cima, como se esboçasse abrir e estender os braços num gesto solícito de boas-vindas, de sereno acolhimento.

Capítulo 4

Agora, todos os dias, o deus de faces ardentes conduzia desnudo sua quadriga flamejante pelos espaços celestes, a cabeleira dourada esvoaçando ao sabor do impetuoso vento leste que o acompanhava. Um brilho esbranquiçado e sedoso cobria a vastidão do mar de vagas preguiçosas. A areia refulgia. Sob as cintilações de prata do éter azulado, distendiam-se em frente às cabines da praia lonas cor de ferrugem e, na mancha de sombra nitidamente recortada que elas ofereciam, passavam-se as horas da manhã. Mas delicioso era também o anoitecer, quando as plantas do parque exalavam seu perfume balsâmico, as constelações lá no alto executavam sua ciranda e o murmúrio do mar envolto na noite vinha ternamente confidenciar com a alma. Noites assim traziam em si a alegre promessa de um novo dia de sol, de ociosidade ligeiramente organizada, e adornado pelas inúmeras possibilidades concentradas de um acaso feliz.

O hóspede que fora retido ali por um infortúnio tão complacente estava bem longe de ver, na recuperação de seus pertences, motivo para nova partida. Durante dois dias, tivera de suportar algumas privações e comparecer às refeições no grande salão em seu terno de viagem. Depois, quando enfim depositaram em seu quarto a mala extraviada, ele a desfez inteiramente e encheu armário e gavetas com suas coisas, decidido a permanecer por tempo ainda indeterminado, satisfeito por poder usar roupas leves, de seda, durante a manhã na praia e apresentar-se em sua mesinha durante o jantar em traje de noite condigno.

A agradável rotina dessa existência já o fizera render-se a seu fascínio; a suavidade amena e brilhante desse ritmo de vida o seduzira rapidamente. De fato, que estada incomparável, unindo os encantos de uma vida confortável à beira-mar, no sul europeu, à íntima vizinhança da cidade fantástico-maravilhosa! Aschenbach não era amante do prazer. Sempre e onde quer que fosse que se tratasse de festejar, descansar, gozar a vida — e fora assim sobretudo quando ainda era jovem —, sentia-se logo inquieto e contrariado, compelido a voltar ao mais árduo esforço, à sua sagrada e ascética obrigação cotidiana. Só este lugar o enfeitiçava, afrouxava sua vontade, fazia-o feliz. Às vezes, pela manhã, sob o toldo de sua cabine, o olhar divagando sonhador pelo azul do mar meridional, ou em noites mornas, recostado, sob o amplo céu estrelado, nas almofadas da gôndola que o conduzia da praça de São Marcos, onde se demorara demais, de volta ao Lido — deixando para trás as luzes coloridas e os sons melodiosos das serenatas —, lembrava-se de sua casa nas montanhas, palco de suas lutas de verão, onde as nuvens baixas passavam pelo jardim, tempestades terríveis

apagavam as luzes da casa à noite, e os corvos que alimentava alçavam voo para o cimo dos pinheiros. Sentia-se então como se tivesse sido transportado ao Eliseu, aos confins da Terra, onde está reservada ao homem uma vida mais fácil, onde não há neve, nem inverno, nem tempestade, nem chuvas torrenciais, mas apenas o suave sopro refrescante do Oceano, onde os dias transcorrem em bem-aventurada ociosidade, sem esforço, sem luta, inteiramente consagrados ao Sol e a seu culto.

Aschenbach via o jovem Tadzio com frequência, quase constantemente; um espaço limitado e uma rotina de vida comum a todos ocasionavam que, com exceção de breves intervalos, o belo estivesse perto dele o dia todo. Ele o via, encontrava-o por toda parte: nas salas do andar térreo do hotel, nas refrescantes travessias para a cidade ou de volta, em pleno fausto da praça, e ainda muitas vezes nas ruas e vielas, quando o acaso assim favorecia. Porém, era principalmente a manhã na praia que lhe oferecia, com a mais feliz regularidade, ampla ocasião de se absorver embevecido no estudo da graciosa aparição. Sim, era sem dúvida essa continuidade da sorte, esse favor das circunstâncias diária e uniformemente renovado que o enchia de satisfação e alegria de viver, tornando-lhe tão cara sua estada, fazendo com que os dias ensolarados se alongassem numa sequência tão complacente.

Levantava-se cedo, como, aliás, era seu hábito na época em que era impelido pelo trabalho, e era dos primeiros a chegar à praia, quando o sol ainda era brando e o mar jazia em branco esplendor imerso nos sonhos do alvorecer. Cumprimentava com afabilidade o guarda da passagem, cumprimentava também com familiaridade o velhote descalço, de barba branca, que lhe havia preparado a acomodação, estendendo o toldo castanho e colocando os móveis da cabine para fora, na plataforma, e se instalava. Tinha então a seu dispor três a quatro horas em que o sol se elevava nas alturas, ganhando força temível, o azul do mar tornava-se cada vez mais profundo, e ele poderia ver Tadzio.

Ele o via chegar pela esquerda, beirando o mar, via-o surgir pelos fundos, entre as cabines, ou descobria subitamente, com agradável surpresa, que não percebera sua chegada e que ele já estava lá em seu traje de banho azul e branco, o único que usava agora na praia, e que já retomara suas atividades costumeiras na areia, ao sol — essa vida encantadoramente fútil, preguiçosamente inconstante, feita de brincadeiras e repouso, vadiar, chapinhar na água, cavar, brincar de pegador, descansar na areia e nadar, vigiado e chamado pelas mulheres na plataforma, que faziam ecoar seu nome em voz de falsete — "Tadziu! Tadziu!" —, e ele corria ao encontro delas, gesticulando com animação, para contar-lhes suas aventuras, mostrar-lhes o que descobrira ou caçara: conchas, cavalos-marinhos, medusas e caranguejos que andavam de lado. Aschenbach não entendia uma só palavra do que ele dizia, talvez as maiores banalidades, mas que a seus ouvidos eram uma vaga melodia. Assim, por ser estrangeiro, sua fala era sublimada em música, um sol altivo banhava-o de um brilho suntuoso e a infinitude do mar era o fundo constante a dar maior relevo à sua figura.

Logo o observador conhecia cada linha e cada pose desse corpo a se

apresentar tão solene e livremente, tornava a saudar com alegria sempre renovada cada traço da beleza que já lhe era familiar, sem pôr termo à sua admiração, à sua suave volúpia. Chamavam o rapaz para cumprimentar um visitante que viera apresentar seus respeitos às senhoras na cabine; ele vinha correndo, todo molhado, talvez saísse do mar, jogava para trás os cabelos anelados e, ao estender a mão, descansando numa perna, pousando apenas a ponta do outro pé na areia, voltava o corpo num giro encantador, cheio de graciosa expectativa, encabulado por delicadeza, lisonjeiro por dever aristocrático. Estava deitado, a toalha envolvendo-lhe o peito, o braço delicadamente cinzelado apoiado na areia, o queixo na concha da mão; aquele a quem chamavam "Jaschu", acocorado a seu lado, adulava-o e nada poderia ser mais fascinante do que o sorriso dos olhos e dos lábios com que o privilegiado alçava o olhar para seu humilde serviçal. De pé na beira do mar, afastado dos seus, bem próximo de Aschenbach, ereto, as mãos enlaçadas na nuca, balançava-se lentamente sobre os calcanhares e sonhava, o olhar perdido no azul, enquanto pequenas ondas acorriam, banhando-lhe os artelhos. O cabelo cor de mel colava-se às têmporas e à nuca em caracóis, o sol iluminava a penugem entre as omoplatas, o desenho delicado das costelas e a simetria do peito transpareciam através do tênue invólucro do tórax, suas axilas ainda eram lisas como as de uma estátua, os jarretes reluziam e a rede de veias azuladas que os percorria sugeria que o corpo era feito de um material mais translúcido. Que disciplina, que precisão de pensamento se exprimiam nesse corpo distendido e na plenitude de sua perfeição juvenil! Mas a vontade rigorosa e pura que, misteriosamente, conseguira trazer à luz esta obra de arte divina — ele, o artista, não a conhecia, não lhe era familiar? Não era ela que também atuava nele, quando, tomado da mais sóbria paixão, libertava da massa marmórea da linguagem a forma esguia que visualizara em espírito e que apresentava à humanidade como imagem e espelho da beleza espiritual? Imagem e espelho! Seus olhos abraçaram a nobre figura lá, à beira do azul, e num êxtase delirante acreditou captar com esse olhar o Belo em si, a forma enquanto pensamento divino, a perfeição única e pura que habita o espírito e da qual se erigira ali uma cópia humana, um símbolo leve e gracioso para adoração. Era a embriaguez, e o artista que envelhecia acolheu-a sem hesitar, sim, avidamente. Sua mente rodopiava, toda sua cultura entrava em ebulição, de sua memória brotavam pensamentos de épocas remotas transmitidos à sua juventude e que até então jamais sua própria chama reavivara. Não estava escrito que o sol desvia nossa atenção do intelectual para o sensível? Que ele entorpece e enfeitiça a razão e a memória de tal modo que a alma, entregue ao prazer, esquece inteiramente sua verdadeira condição e se apega surpresa e maravilhada ao mais belo dos objetos iluminados por ele? Sim, só com o auxílio de um corpo ela consegue ainda erguer-se a uma contemplação mais elevada. O deus Amor, na verdade, age como os matemáticos que mostram às crianças imagens concretas das formas puras que estão além de seu alcance; assim também o deus, para nos tornar visível o imaterial, gosta de se utilizar da forma e da cor de um jovem corpo

humano, que ele adorna com todo o reflexo da beleza, para fazer dele um instrumento da recordação, levando-nos assim, ao vê-lo, a nos inflamarmos em dor e esperança.

Desse modo pensava Aschenbach em seu êxtase, essa era a dimensão do seu sentir. E o marulho das ondas e o brilho do sol teceram a seus olhos uma imagem sedutora. Era o velho plátano próximo aos muros de Atenas — aquela sombra sagrada, perfumada pelo aroma das flores do agnocasto, adornada de estátuas e oblações em honra das ninfas e de Aqueloo. O riacho muito límpido cascateava no cascalho liso aos pés da árvore de ramos estendidos; as cigarras ciciavam. Mas na relva em suave declive, onde se podia estar deitado mantendo a cabeça mais alta, dois homens estavam estendidos, protegidos do calor do dia: um velho e um jovem; um feio, outro belo; a sabedoria junto à graça. E entre amabilidades e gracejos espirituosamente sedutores, Sócrates instruía Fedro sobre o desejo e a virtude. Falava-lhe da cálida emoção que surpreende o homem sensível quando seus olhos se deparam com um símbolo da beleza eterna; falava-lhe dos desejos lúbricos do ímpio e mau, que não pode conceber a beleza ao ver sua imagem e que é incapaz de veneração; falava do temor sagrado que assalta um espírito nobre quando lhe aparece um corpo divino, um corpo perfeito, de como ele então estremece e fica fora de si, mal se atrevendo a olhar, venerando aquele que possui a beleza, disposto mesmo a oferecer-lhe sacrifícios como a uma estátua divina, se não temesse que o tomassem por louco. Pois a beleza, meu caro Fedro, e apenas ela, é simultaneamente visível e enlevadora. Ela é — nota bem — a única forma ideal que percebemos por meio dos sentidos e que nossos sentidos podem suportar. Ou o que seria de nós se acaso o Divino, a Razão, a Virtude e a Verdade se dispusessem a aparecer aos nossos sentidos? Não iríamos sucumbir consumidos pela chama do amor, qual Sêmele outrora diante de Zeus? Assim, a beleza é o caminho que conduz ao espírito o homem sensível — apenas o caminho, um meio apenas, pequeno Fedro... E então aquele astuto sedutor expôs o mais sutil, ou seja, que o amante é mais divino que o amado, pois o deus está presente no primeiro mas não no outro — talvez o pensamento mais terno e irônico que jamais foi concebido, fonte de toda malícia e da mais secreta volúpia do desejo.

A suprema ventura do escritor é o pensamento capaz de tornar-se por inteiro sentimento, o sentimento capaz de tornar-se por inteiro pensamento. Era um pensamento assim pulsante, um sentimento assim preciso que naquele momento se encontrava à disposição do solitário: ele sabia, ele sentia que a natureza estremece de êxtase quando o espírito se inclina como vassalo diante da beleza. Repentinamente desejou escrever. É verdade que, ao que se diz, Eros ama a ociosidade e só foi criado para tal. Mas nesse estágio da crise a exaltação de sua vítima voltava-se para a produção. O pretexto era quase indiferente. No mundo intelectual fora lançada uma questão, um convite à reflexão e a que os especialistas se manifestassem a respeito de determinado problema vultoso e crucial da cultura e do gosto, e o viajante recebera informações a respeito. O assunto lhe era familiar, algo que já

vivenciara; o desejo de fazê-lo brilhar à luz de seu verbo tornou-se de repente irresistível. Na verdade, o propósito que almejava era trabalhar em presença de Tadzio, tomar como modelo ao escrever a figura do rapaz, deixar seu estilo seguir as linhas desse corpo que lhe parecia divino, transportar sua beleza ao domínio espiritual, tal como outrora a águia transportava ao éter o pastor troiano. Nunca mais sentira o doce prazer da palavra, nunca estivera tão consciente da presença de Eros na palavra como durante as horas perigosamente deliciosas em que, sentado à mesa rústica sob o toldo, diante de seu ídolo, a música de sua voz nos ouvidos, modelava segundo a beleza de Tadzio sua pequena dissertação — aquela página e meia de prosa burilada, cuja integridade, nobreza e vibrante tensão de sentimento iriam despertar em breve a admiração de muitos. Certamente é bom que o mundo conheça apenas a obra-prima, sem conhecer suas origens e as condições de sua gênese, pois o conhecimento das fontes de onde flui a inspiração do artista muitas vezes confundiria o público, o intimidaria, anulando assim os efeitos da perfeição. Que horas estranhas! Que empenho estranhamente desgastante! Que relação extraordinariamente fecunda entre o espírito e um corpo! Quando Aschenbach guardou seu trabalho e deixou a praia, sentia-se exausto, transtornado, e parecia-lhe que sua consciência se queixava, como depois de uma orgia.

Foi na manhã seguinte que, ao sair do hotel, da escadaria ele avistou Tadzio já a caminho do mar — e sozinho —, aproximando-se justamente da cerca que fechava a praia. Sentiu surgir e impor-se a vontade, a simples ideia de aproveitar a oportunidade e travar conhecimento, ligeira e alegremente, com aquele que, sem saber, lhe proporcionara tanto arrebatamento e agitação, a vontade de falar com ele e deleitar-se com a sua resposta, com seu olhar. O belo caminhava devagar, era possível alcançá-lo, e Aschenbach apressou o passo. Ele o alcança na passarela de madeira por trás das cabines, quer afagar sua cabeça, pôr a mão em seus ombros, uma banalidade qualquer, uma frase gentil em francês paira-lhe nos lábios; mas então sente que seu coração, talvez também devido à marcha acelerada, bate como um martelo e que, ofegante como está, só poderia falar opresso e balbuciante; hesita, procura controlar-se, e de repente receia estar por tempo demais seguindo o belo tão de perto, teme despertar sua atenção, seu olhar inquiridor, tenta ainda uma nova investida, fracassa, desiste e passa pelo jovem de cabeça baixa.

"Tarde demais!", pensava ele nesse momento. "Tarde demais!" Mas seria mesmo tarde demais? Esse passo que deixara de dar provavelmente teria conduzido a algo de bom, a uma solução fácil e feliz, a uma salutar recuperação da sobriedade. Só que chegara a vez de aquele que envelhecia não desejar a sobriedade, chegara o momento em que a embriaguez lhe era muito cara. Quem consegue decifrar a essência e a peculiaridade de uma alma de artista! Quem pode entender a profunda fusão dos instintos de disciplina e devassidão que lhe serve de fundamento! Não desejar o salutar retorno à sobriedade é, sem dúvida, devassidão. Aschenbach não tinha mais disposição para autocrítica; o gosto, o estado de espírito próprio da idade, o

respeito próprio, a maturidade e a simplicidade tardia não o tornavam propenso a dissecar causas e a determinar se fora por escrúpulo, ou por devassidão e fraqueza, que não levara a cabo seu intento. Estava confuso, receava que alguém, ainda que fosse apenas o guarda da praia, pudesse ter observado sua corrida, sua derrota; temia o ridículo. De resto, em seu íntimo, caçoava de seu medo cômico-sagrado. "Desnorteado", pensava, "desnorteado como um galo que, amedrontado, deixa pender as asas no meio da luta. Sem dúvida isso é obra do deus que, diante do objeto digno de nosso amor, quebra assim nossa coragem e rebaixa até o chão nossa consciência orgulhosa..." Ele brincava, divagava, era demasiado altivo para temer um sentimento.

Já não vigiava mais o escoamento do prazo de férias que se concedera; a ideia de voltar para casa não lhe passou pela cabeça uma vez sequer. Providenciara a remessa de boa soma de dinheiro. Sua única preocupação era a possível partida da família polonesa; descobrira, porém, com discrição, informando-se como por acaso com o barbeiro do hotel, que haviam desembarcado ali pouco antes de sua própria chegada. O sol bronzeava-lhe o rosto e as mãos, o ar salgado, excitante, trazia mais vigor à sua sensibilidade, e assim como outrora estava habituado a investir imediatamente numa obra toda a energia que o sono, a alimentação ou a natureza lhe forneciam, deixava agora, generoso e perdulário, que tudo que o sol, o lazer e o ar marinho lhe proporcionavam de fortalecimento diário se esvaísse em delírio e sentimento.

Seu sono era fugaz; os dias deliciosamente uniformes eram separados por noites breves, plenas de um feliz desassossego. É verdade que se recolhia cedo, pois, por volta de nove horas, quando Tadzio desaparecia de cena, o dia lhe parecia encerrado. Mas, aos primeiros sinais da aurora, um sobressalto ternamente penetrante o despertava, seu coração lembrava-se de sua aventura e ele já não conseguia mais ficar na cama; levantava-se e, levemente agasalhado contra o frio da madrugada, sentava-se junto à janela aberta para esperar o nascer do sol. O maravilhoso acontecimento enchia de veneração sua alma abençoada pelo sono. Céu, terra e mar jaziam ainda imersos na palidez vítrea, fantasmagórica, que precede o alvorecer; uma estrela desvanecente pairava ainda no vazio. Mas um sopro, mensagem alada de paragens inacessíveis, vinha anunciar que Eros se erguia de junto de seu esposo e acontecia aquele primeiro e delicado enrubescer das faixas mais longínquas do céu e do mar, com o qual a criação principia a se desvelar aos sentidos. Aproximava-se a deusa, raptora de adolescentes, que arrebatara consigo Clito e Céfalo e que, enfrentando a inveja de todo o Olimpo, desfrutava do amor do belo Órion. Lá na orla do mundo, um espargir de rosas desencadeava um luzir e florescer de encanto indescritível, nuvens infantis iluminadas, translúcidas, pairavam como Amores obsequiosos na névoa róseo-azulada; púrpura se derramava sobre o mar, que com suas vagas ondulantes parecia espalhá-la por sua superfície; lanças douradas se lançavam do mar nas alturas do céu; o brilho incendiava-se silenciosamente, com plenipotência divina; erguia-se o turbilhão de brilho incandescente,

ardor e labaredas flamejantes, e os corcéis sagrados de Apolo se elevavam acima do orbe terrestre, devorando o espaço com seus cascos impacientes. Iluminado pelo esplendor do deus, a sentinela solitária ali sentada fechava os olhos, deixando que a glória lhe beijasse as pálpebras. Sentimentos antigos, deliciosos tormentos de um coração juvenil, que se haviam extinguido em meio à severa labuta de sua vida e que ressurgiam agora tão estranhamente transfigurados — ele os reconhecia com um sorriso embaraçado e admirado. Cismava, sonhava, seus lábios lentamente articulavam um nome e, ainda sorrindo, o rosto voltado para o céu, as mãos enlaçadas no colo, adormecia de novo em sua poltrona.

Mas o dia inaugurado com tão solene esplendor tornava-se todo ele estranhamente sublime e mítico. De onde surgira, qual a origem desse sopro tão suave e insinuante, semelhante a uma inspiração do alto que subitamente vinha fazer-lhe cócegas nas têmporas e no ouvido? Flocos de nuvenzinhas brancas espalhavam-se aos bandos pelo céu, qual rebanhos dos deuses. Ergueu-se um vento mais forte e os cavalos de Posídon dispararam, empinando, acompanhados ainda pelos touros do deus da cabeleira azulada, que investiam bramindo, baixando os cornos. Entre os rochedos amontoados na praia mais distante as ondas saltavam como cabras. Um mundo sacramente deturpado, sob o império de Pã, envolvia o escritor seduzido, e seu coração sonhava fábulas delicadas. Muitas vezes, enquanto o sol descambava por trás de Veneza, ele se sentava num banco do parque para observar Tadzio que, vestido de branco e usando um cinto colorido, se divertia jogando bola no pátio coberto de cascalho, e era Jacinto que ele acreditava ver e que devia morrer por ser amado por dois deuses. Sim, sentia a dolorosa inveja de Zéfiro pelo rival que abandonava o oráculo, o arco e a cítara, para jogar o tempo todo com o belo jovem; via o disco, guiado por ciúme cruel. Atingir a cabeça graciosa; recebia, empalidecendo também, o corpo vergado; e a flor brotada do sangue precioso trazia a inscrição de seu infindável lamento...

Não há nada mais estranho e melindroso do que a relação entre pessoas que só se conhecem de vista — que se encontram e se observam diariamente, ou mesmo a toda hora, sem um cumprimento, sem uma palavra, forçadas a manter uma aparente indiferença de desconhecidos, por imposição dos costumes, ou por capricho pessoal. Há entre elas inquietação e curiosidade exacerbada, a histeria de uma necessidade insatisfeita, artificialmente reprimida, de travar conhecimento e comunicar-se, e também, sobretudo, uma espécie de respeito carregado de tensão. Pois o ser humano ama e respeita seu semelhante enquanto não tem condições de julgá-lo, e o desejo é produto de um conhecimento imperfeito.

Entre Aschenbach e o jovem Tadzio devia necessariamente surgir algum tipo de relação e aproximação, e foi com alegria triunfante que o mais velho pôde constatar que seu interesse e atenção não permaneciam inteiramente sem correspondência. O que levaria, por exemplo, o belo, ao aparecer de manhã na praia, a nunca mais se utilizar da passarela de madeira por trás das cabines, mas apenas do caminho dianteiro, pela areia, passando pela

cabine de Aschenbach e às vezes desnecessariamente tão rente a ele, quase roçando sua mesa, sua cadeira, caminhando sem pressa em direção à cabine dos seus? Seria tão grande o poder exercido pela atração, pela fascinação de um sentimento superior sobre seu objeto delicado e inadvertido? Aschenbach aguardava diariamente a chegada de Tadzio e, às vezes, quando ele surgia, fingia estar ocupado e deixava que o belo passasse aparentemente despercebido. Outras vezes, porém, erguia os olhos e seus olhares se encontravam. Ambos ficavam profundamente sérios quando isso ocorria. Na fisionomia culta e cheia de dignidade do mais velho, nada traía uma comoção íntima; mas nos olhos de Tadzio havia um perscrutar, uma interrogação pensativa, seu andar tornava-se hesitante, baixava os olhos para o chão, tornava a erguê-los graciosamente e, depois de ter-se afastado, qualquer coisa em sua atitude parecia indicar que só sua educação o impedia de virar-se para trás.

Certa noite, porém, foi diferente. Os irmãos poloneses e sua governanta não haviam comparecido ao jantar no salão — Aschenbach o constatara apreensivo. Depois da refeição, muito inquieto sobre seu paradeiro, ele passeava em traje de noite e chapéu-panamá, diante do hotel, aos pés do terraço quando, de repente, viu emergir à luz das lâmpadas de arco as irmãs com ar de freiras, acompanhadas da governanta e, quatro passos atrás delas, Tadzio. Aparentemente vinham do pontão de desembarque, depois de, por qualquer motivo, terem jantado na cidade. Devia ter estado frio sobre as águas; Tadzio usava jaquetão azul-escuro à marinheira, com botões dourados e o boné correspondente. O sol e o ar do mar não o queimavam: sua pele mantinha a mesma tonalidade de mármore ligeiramente amarelada do início. Hoje, no entanto, parecia mais pálido que de costume, fosse em consequência do frio, ou pelo luar desbotado das lâmpadas. Suas sobrancelhas simétricas destacavam-se mais nítidas, os olhos pareciam mais escuros. Era mais belo do que se poderia dizer, e Aschenbach sentiu dolorosamente, como já o sentira tantas vezes, que, se a palavra mal pode enaltecer a beleza sensível, é inteiramente incapaz de reproduzi-la.

Ele não havia contado com essa aparição tão cara, ela surgira inopinadamente, e ele não tivera tempo de firmar no rosto uma expressão de calma e dignidade. Alegria, surpresa, deslumbramento deviam sem dúvida estampar-se abertamente em sua fisionomia, quando seu olhar encontrou o do desaparecido — e nesse segundo aconteceu que Tadzio sorriu: sorriu para ele, um sorriso expressivo, confiado, sedutor e franco, com lábios que só lentamente se abriam ao sorrir. Era o sorriso de Narciso debruçado sobre o espelho d'água, aquele sorriso profundo, enfeitiçado, prolongado, com que estende os braços ao reflexo da própria beleza — um sorriso com um leve toque de contrariedade, pela vanidade de sua ambição de beijar os graciosos lábios de sua sombra, um sorriso coquete, curioso, ligeiramente atormentado, fascinado e fascinante.

Aquele que recebeu esse sorriso fugiu dali, carregando-o consigo como uma dádiva fatídica. Estava tão abalado que se viu forçado a fugir da luz do terraço e do jardim da frente, buscando com passos precipitados a escuridão

do parque dos fundos. Admoestações singularmente indignadas e ternas escapavam-lhe: “Não deves sorrir assim! Estás ouvindo? Não se deve sorrir assim para ninguém!” Atirou-se num banco, fora de si, inalando o perfume noturno das plantas. E reclinado, os braços pendentes, subjugado e sacudido por sucessivos calafrios, sussurrou a eterna fórmula do desejo — impossível, neste caso, absurda, abjeta, ridícula, mas ainda assim sagrada, mesmo neste caso, digna: “Eu te amo!”

Capítulo 5

Na quarta semana de sua estada no Lido, Gustav von Aschenbach fez algumas descobertas inquietantes com relação à realidade que o cercava. Primeiro pareceu-lhe que, à medida que se aproximava o auge da estação, a frequência do hotel, em vez de aumentar, diminuía e, principalmente, que o idioma alemão à sua volta se extinguia e emudecia de tal forma que, por fim, à mesa ou na praia, só lhe chegavam aos ouvidos sons estrangeiros. Depois, um dia, no barbeiro, que agora frequentava assiduamente, apanhou uma palavra, em meio à conversa, que o deixou intrigado. O homem havia mencionado uma família alemã que acabava de partir, após breve demora, e acrescentara, tagarela e bajulador: "Mas o senhor fica. O senhor não tem medo do mal." Aschenbach encarou-o: "Do mal?", repetiu. O tagarela calou-se, fingiu-se ocupado, como se não tivesse ouvido a pergunta. E, quando esta foi renovada com maior ênfase, declarou que não sabia de nada e procurou desviar o assunto com uma verbosidade embaraçada.

Isso ocorreu por volta de meio-dia. À tarde, movido pela mania de seguir os irmãos poloneses, que vira tomarem o caminho do ancoradouro em companhia da governanta, Aschenbach fez a travessia até Veneza, sob calmaria e um sol escaldante. Não encontrou seu ídolo em São Marcos. Mas enquanto tomava o chá, sentado a uma mesinha de ferro redonda, no lado sombreado da praça, sentiu de repente no ar um odor característico, que agora lhe parecia vir sentindo há dias já, sem se dar conta — um cheiro adocicado oficial, que lembrava miséria e feridas e higiene suspeita. Analisou-o e o identificou pensativo, terminou seu lanche e deixou a praça pelo lado oposto ao templo. Nas ruelas estreitas, o cheiro era mais forte. Nas esquinas, estavam colados cartazes impressos, através dos quais as autoridades advertiam paternalmente a população de que evitasse, devido a certas afecções do sistema gástrico, frequentes nessa época do ano, o consumo de ostras
e mariscos, bem como a água dos canais. O cunho atenuante, escamoteador, do comunicado era óbvio. Grupos de populares se reuniam silenciosos nas pontes e nas praças, e o estrangeiro misturava-se a eles, inquiridor, remoendo suas dúvidas.

Pediu informações sobre aquele cheiro fatídico ao dono de uma loja, encostado à porta de seu estabelecimento entre cordões de coral e falsas joias de ametista. O homem mediu-o com olhos sombrios e prontamente reanimou-se: "Uma medida preventiva, meu senhor!", respondeu gesticulando. "Um decreto da polícia, que é preciso acatar. Esse tempo é oprimente, não faz bem à saúde. Em resumo, o senhor compreende, uma

precaução talvez exagerada...” Aschenbach agradeceu e seguiu em frente. Também no vapor que o reconduzia ao Lido, sentia agora o cheiro do desinfetante antisséptico.

De volta ao hotel, dirigiu-se imediatamente à mesa dos jornais no saguão, pondo-se a folheá-los. Nos jornais em língua estrangeira não encontrou nada. Os de sua pátria registravam boatos, apresentavam números oscilantes, reproduziam desmentidos oficiais e duvidavam de sua veracidade. Assim se explicava a retirada do elemento alemão e austríaco. Os membros de outras nações aparentemente não sabiam de nada, não suspeitavam de nada, ainda não se inquietavam. “É preciso manter silêncio!”, pensou Aschenbach, agitado, atirando os jornais sobre a mesa. “É preciso manter silêncio!” Mas ao mesmo tempo seu coração se enchia de satisfação pela aventura em que o mundo exterior ameaçava envolver-se. Pois a paixão, tal como o crime, não se adapta à ordem estabelecida, ao bem-estar da marcha do cotidiano, e qualquer desarranjo da estrutura burguesa, qualquer perturbação e tribulação do mundo têm de lhe ser bem-vindos, pois ela pode alimentar a vaga esperança de encontrar aí algum proveito. Assim, Aschenbach experimentava uma obscura alegria pelo que, camuflado pelas autoridades, se passava nos becos sujos de Veneza — esse segredo pernicioso da cidade, que se confundia com seu próprio segredo e em cuja preservação ele também estava tão empenhado. Pois a única preocupação do apaixonado era que Tadzio pudesse partir, e ele reconhecia, aterrorizado, que já não saberia mais viver, caso isso ocorresse.

Ultimamente já não se contentava em agradecer à rotina diária e à sorte a proximidade e a visão do belo; ele o perseguia, seguia suas pegadas. Aos domingos, por exemplo, os poloneses nunca apareciam na praia; adivinhou que iam à missa em São Marcos, precipitou-se para lá e, ao entrar na penumbra dourada do santuário, vindo do calor abrasante da praça, encontrou aquele de quem tanto carecia debruçado sobre um genuflexório, assistindo ao culto. Permaneceu então ao fundo, de pé, sobre o mosaico do piso gretado, em meio ao povo ajoelhado que murmurava e se persignava, e a densa suntuosidade do templo oriental pesava voluptuosa sobre seus sentidos. À frente o sacerdote, ricamente paramentado, movimentava-se de um lado para outro, cumpria o ritual e cantava; nuvens de incenso se elevavam enevoando as débeis chamas das velas do altar, e ao perfume doce, carregado do sacrifício religioso, parecia misturar-se um outro odor: o da cidade contaminada. Mas, em meio à névoa e às cintilações, Aschenbach pôde ver como o belo lá na frente voltava a cabeça à sua procura e o avistava.

Quando, a seguir, a multidão começou a escoar-se pelos portais abertos para a praça luminosa, agitada pelo frêmito dos pombos, o tolo apaixonado dissimulou-se no átrio, ocultou-se, pôs-se à espreita. Viu os poloneses deixarem a igreja, viu como os irmãos se despediam cerimoniosamente da mãe e como esta se dirigia à Piazetta para voltar ao hotel; constatou que o belo, as irmãs com ar de convento e a governanta tomavam o caminho à direita, pelo portão da torre do relógio, entrando na rua da Mercearia, e, depois de deixá-los ganhar alguma vantagem, pôs-se a segui-los às

escondidas em seu passeio por Veneza. Era obrigado a parar, quando se demoravam, a procurar refúgio em casas de pasto e quintais, para deixá-los passar quando resolviam voltar; perdeu-os de vista, procurou-os afogueado e exausto pelas pontes e becos sujos, e suportou minutos de angústia mortal, quando subitamente os viu, vindo a seu encontro numa passagem estreita, onde não tinha como esquivar-se. E, no entanto, não se poderia dizer que sofria. Tinha a cabeça e o coração inebriados, e seus passos seguiam as instruções do demônio, que tem prazer em calcar aos pés a razão e a dignidade dos homens.

Num ponto qualquer, Tadzio e os seus tomavam uma gôndola, e Aschenbach, que, enquanto eles embarcavam, estivera oculto por uma sacada ou por uma fonte, logo depois que se afastavam da margem, fazia o mesmo. Falando rápido, com voz abafada, ordenava ao remador, com a promessa de uma gorjeta generosa, que seguisse aquela gôndola que acabava de dobrar a esquina, mas discretamente, mantendo certa distância; e sentia um calafrio quando o homem, com a prontidão velhaca de um alcoviteiro, assegurava-lhe, no mesmo tom, que ele seria servido, escrupulosamente servido.

Assim, deslizava oscilando, recostado em macias almofadas pretas, seguindo a outra embarcação negra de bico recurvo, acorrentado a seu rastro pela paixão. Por vezes ela sumia de vista, deixando-o cheio de aflição e desassossego. Mas seu condutor, como se estivesse bem-treinado em tais missões, sabia sempre como, por meio de manobras astutas, enveredando rapidamente por canais transversais e tomando atalhos, colocar-lhe de novo diante dos olhos o objeto de seu desejo. O ar estava parado e cheio de odores, o sol dardejava escaldante através da névoa que tingia o céu com um tom de ardósia. A água gorgolejava, batendo contra a madeira e as pedras. O grito do gondoleiro, misto de advertência e saudação, era respondido de longe, em meio ao labirinto silencioso, segundo uma estranha convenção. De pequenos jardins suspensos pendiam por cima de muros em ruínas umbelas brancas e púrpuras com perfume de amêndoas. Molduras de janelas árabes se refletiam na água turva. Os degraus de mármore de uma igreja desciam até a água; um mendigo acocorado ali, apregoando sua miséria, estendia o chapéu, mostrando o branco dos olhos, como se fosse cego; um vendedor de antiguidades, em frente à sua espelunca, convidava o passante a parar, com gestos servis, na esperança de ludibriá-lo. Essa era Veneza, a bela aduladora e suspeita — essa cidade mescla de contos de fadas e armadilha para forasteiros, em cujo ar estagnado a arte outrora florescera esplendorosa, e que inspirava aos músicos melodias que embalam e arrulham lascivas. Para aquele que assim se aventurava era como se seus olhos bebessem esse mesmo esplendor, como se seus ouvidos fossem acariciados por tais melodias; lembrava-se também de que a cidade estava doente e de que ela ocultava o fato por ganância, e espreitava com ânsia ainda mais desenfreada a gôndola que flutuava à sua frente.

Assim, o escritor perturbado não tinha outro pensamento ou desejo a não ser perseguir sem descanso o objeto que o inflamava, sonhar com ele em sua

ausência e, à maneira dos amantes, dirigir palavras de ternura até mesmo à sua simples sombra. A solidão, o fato de estar num país estrangeiro e a felicidade de uma embriaguez tardia e profunda encorajavam-no e persuadiam-no a permitir-se sem receio e sem enrubescer mesmo as maiores extravagâncias, como naquela vez em que, ao voltar tarde da noite de Veneza, detivera-se diante da porta do quarto de seu ídolo, no primeiro andar do hotel, e apoiara a fronte na dobradiça da porta, em pleno delírio, permanecendo assim por longo tempo, sem poder afastar-se, correndo o risco de ser surpreendido e apanhado numa situação tão absurda.

Não faltavam, no entanto, momentos de contenção e de um parcial retorno à razão. “Em que caminhos!”, pensava então, consternado. “Em que caminhos!” Como todo homem a quem um mérito natural inspira um interesse aristocrático por sua origem, estava habituado a lembrar-se de seus antepassados, a cada realização e sucesso de sua vida, a assegurar-se em espírito de sua aprovação, de sua satisfação, da consideração que necessariamente deveriam devotar-lhe. Pensava neles também aqui e agora, enredado numa experiência tão ilícita, envolvido em extravagâncias sentimentais tão exóticas; pensava na severidade imponente e na decorosa virilidade que marcaram a conduta desses homens, e sorria melancólico. O que diriam eles? Mas na verdade o que teriam dito de toda a sua vida, desta vida a serviço da arte, sobre a qual ele mesmo, outrora, com a mentalidade burguesa dos pais, emitira opiniões pueris tão sarcásticas e que, no fundo, contudo, era uma vida tão semelhante à deles! Ele também servira, também fora soldado e guerreiro como muitos deles — pois a arte era uma guerra, um combate exaustivo, que na época atual não se podia suportar por muito tempo. Uma vida de autodomínio e obstinação, uma vida áspera, perseverante e comedida, que ele transformara em símbolo de um heroísmo delicado e apropriado à época — poderia bem chamá-la viril, corajosa, e queria parecer-lhe que o Eros que se apoderara dele era de algum modo especialmente conforme e propenso a uma vida assim. Não merecera ele destaque entre os povos mais corajosos, não se dizia que fora graças à bravura que ele florescera em suas cidades? Inúmeros heróis da Antiguidade aceitaram voluntariamente seu jugo, pois nenhuma humilhação era considerada como tal quando imposta pelo deus, e atos que seriam reprovados como sinal de covardia, se praticados com qualquer outra finalidade — cair de joelhos, fazer juras, pedidos insistentes, comportar-se como escravo —, não constituíam vergonha para o amante; ao contrário, ainda lhe valiam louvores.

Tal era o rumo dos pensamentos do tolo apaixonado, era assim que ele procurava um ponto de apoio, um modo de preservar sua dignidade. Mas ao mesmo tempo devotava uma atenção constante, obstinada, de perdigueiro, aos acontecimentos escusos que se passavam na intimidade de Veneza, àquela aventura do mundo exterior, que obscuramente se confundia com a de seu coração, nutrindo sua paixão com esperanças vagas e anárquicas. Obcecado em obter informações novas e seguras sobre o estado e o progresso do mal, esquadrinhava os jornais alemães pelos cafés da cidade, visto que

tinham desaparecido fazia dias da mesa de leitura do saguão do hotel. Afirmações e desmentidos se alternavam. O número de casos de doença, de morte, devia elevar-se a vinte, quarenta, a uma centena e até mais, e, logo a seguir, toda manifestação da epidemia, quando não desmentida categoricamente, era reduzida a casos isolados, importados do exterior. Às notícias se acrescentavam advertências, protestos contra o jogo perigoso das autoridades italianas; certeza não se podia obter.

Ainda assim o solitário se achava com direito especial a participar do segredo, e, por se achar ao mesmo tempo excluído dele, encontrava uma bizarra satisfação em fazer perguntas capciosas aos que estavam a par da situação e obrigá-los, já que se mantinham unidos no conluio do silêncio, a mentir expressamente. Um dia, durante o desjejum no salão, interpelou o gerente, aquele homenzinho de andar silencioso e casaca à francesa, que se movimentava entre os hóspedes, cumprimentando e fiscalizando, e que se deteve também junto à mesinha de Aschenbach para trocar algumas palavras triviais. Mas afinal por que razão, perguntou o hóspede negligentemente, como que por acaso, por que, afinal de contas, estavam desinfetando Veneza, já há algum tempo? "Trata-se", respondeu o hipócrita, "de uma medida tomada pela polícia, visando a prevenir a tempo e devidamente quaisquer inconvenientes ou perturbações da saúde pública que poderiam vir a ser causados pelo ar abafado e pela temperatura excepcionalmente elevada." "A polícia merece elogios", replicou Aschenbach, e, depois de trocarem algumas observações meteorológicas, o gerente retirou-se.

Ainda no mesmo dia, à noite, após o jantar, calhou que um pequeno grupo de cantores ambulantes da cidade viesse exibir-se no jardim dianteiro do hotel. Ficaram de pé, dois homens e duas mulheres, junto ao mastro de ferro de uma lâmpada de arco e erguiam o rosto esbranquiçado pela luz para o vasto terraço, onde os veranistas que tomavam café ou refrescos se compraziam com a apresentação popular. O pessoal do hotel — ascensoristas, garçons e funcionários do escritório — vinha ouvir das portas do saguão. A família russa, zelosa e meticulosa em matéria de prazer, fizera instalar cadeiras de vime lá embaixo no jardim, para estar mais próxima dos artistas, sentando-se em semicírculo, irradiando sua grata satisfação. Atrás dos senhores, sua velha escrava mantinha-se de pé, com um lenço enrolado como um turbante na cabeça.

Bandolim, guitarra, harmônica e um violino gorjeante compunham a orquestra dos virtuoses-mendigos. Números de canto se alternavam com execuções instrumentais; a mais jovem das mulheres, por exemplo, uniu sua voz aguda e grasnante ao falsete adocicado do tenor num ardoroso dueto de amor. Mas sem dúvida era o outro homem, o dono da guitarra, que se revelava como o verdadeiro talento, o cabeça do grupo, no papel de uma espécie de barítono bufo, quase sem voz, mas com o dom da mímica e uma notável energia cômica. Muitas vezes afastava-se do grupo, empunhando seu avantajado instrumento, e avançava representando em direção à rampa, onde suas fanfarronadas eram recompensadas com risos encorajadores.

Eram principalmente os russos que, de seu posto no térreo, mostravam-se encantados com tamanha vivacidade meridional e o estimulavam com aplausos e aclamações a exibir-se cada vez mais ousado e seguro.

Aschenbach estava sentado junto à balaustrada e vez por outra refrescava os lábios com a mistura de suco de romã e soda que cintilava como rubi no copo à sua frente. Seus nervos absorviam avidamente os sons lamuriosos das melodias vulgares e lânguidas, pois a paixão paralisa o senso crítico e se envolve a sério em encantos que a sobriedade aceitaria apenas humoristicamente ou rejeitaria com irritação. Com os pulos do saltimbanco suas feições haviam-se contraído num sorriso fixo, já doloroso. Estava ali sentado negligentemente, enquanto uma atenção extrema crispava seu íntimo, pois, seis passos adiante, Tadzio estava encostado na balaustrada de pedra.

Estava lá de pé, com o traje branco cinturado que às vezes vestia para o jantar, com sua graça inevitável e inata, o antebraço esquerdo sobre o parapeito. Os pés cruzados, a mão direita apoiada no quadril, e olhava para os músicos ambulantes lá embaixo com uma expressão que mal chegava a ser um sorriso, que era apenas uma remota curiosidade, uma amável cortesia. De vez em quando, endireitava o corpo e, enchendo o peito, esticava a túnica branca com um belo movimento dos dois braços, puxando-a para baixo sob o cinto de couro. Mas às vezes também — e o escritor que envelhecia constatava isso com triunfo, numa vertigem de sua razão e ao mesmo tempo horrorizado — voltava a cabeça hesitante e cauteloso, ou então bruscamente, como se quisesse surpreender algo, lançando um olhar por cima do ombro esquerdo na direção daquele que o amava. Não encontrava seus olhos, pois uma preocupação covarde forçava o pobre desnorteado a controlar receoso seu olhar. Sentadas ao fundo do terraço estavam as mulheres que tomavam conta de Tadzio, e as coisas haviam chegado a tal ponto que o apaixonado tinha motivos para temer ter chamado a atenção e ter-se tornado suspeito. Sim, várias vezes na praia, no saguão do hotel ou na praça de São Marcos pudera verificar, numa espécie de torpor, que chamavam Tadzio para longe dele, que pretendiam afastá-lo de sua vizinhança — e tivera de reconhecer nisso uma terrível ofensa, sob a qual se contorcia em torturas jamais conhecidas e da qual sua consciência o impedia de livrar-se.

Entretanto o guitarrista iniciara um solo, uma cantiga popular de várias estrofes, no auge do sucesso em toda a Itália, cujo acompanhamento ele mesmo executava, sendo que no estribilho toda a trupe intervinha com vozes e instrumentos, enquanto ele o interpretava com plasticidade dramática. De corpo franzino e rosto não menos magro e chupado, ele estava de pé sobre o cascalho, afastado dos seus, o chapéu de feltro surrado tombado para trás, de modo que um tufo de cabelos ruivos escapava sob a aba, numa pose de atrevida arrogância, e lançava seus chistes para o terraço num recitativo enérgico, secundado pelos acordes retumbantes da guitarra, com as veias da testa intumescidas pelo esforço. Não parecia ser veneziano, mas antes descender da estirpe dos cômicos napolitanos, meio rufião, meio

comediante, brutal e ousado, perigoso e divertido. A canção, de letra meramente idiota, adquiria em sua boca, por seu jogo fisionômico, pelos trejeitos do corpo, pelas piscadelas sugestivas e por seu modo de deixar a língua brincar lascivamente nos cantos da boca, uma conotação ambígua e ofensiva, que não se podia definir. Do colarinho mole da camisa esporte que usava, de resto, com um terno citadino, despontava um pescoço magro, com um pomo de adão surpreendentemente avantajado e nu. Seu rosto pálido, sem barba, de nariz rombudo, e que não sugeria qualquer idade definida, parecia lavrado por vícios e caretas, e as duas rugas que se desenhavam obstinadas, imperiosas, quase ferozes entre as sobrancelhas ruivas compunham uma estranha combinação com o esgar trocista da boca, que se remexia sem cessar. O que, no entanto, levou propriamente o solitário a concentrar nele sua atenção foi a constatação de que essa figura suspeita parecia carregar consigo uma atmosfera própria e também suspeita. Com efeito, a cada retomada do refrão, o cantor iniciava uma grotesca coreografia circular de momices e acenos de saudação que o levava a passar bem por baixo do lugar de Aschenbach e, toda vez que isso acontecia, uma forte lufada de fenol emanava de seu corpo, desprendia-se de suas roupas e subia até o terraço.

Terminada a cantiga, ele deu início à coleta. Começou pelos russos, que contribuíram generosamente, depois subiu os degraus. Agora, ali em cima, mostrava-se tão humilde quanto tinha sido atrevido durante a exibição. Curvando-se em reverências, esgueirava-se por entre as mesas, e um sorriso perfidamente servil deixava à mostra seus dentes fortes, mas ainda assim as duas rugas persistiam ameaçadoras entre as sobrancelhas. As pessoas examinavam com curiosidade e certa repulsa a estranha criatura que recolhia seu sustento, atirando com as pontas dos dedos moedas em seu chapéu, com cuidado para não tocá-lo. A supressão da distância física entre o comediante e a distinta plateia, por mais que o espetáculo tenha agradado, cria sempre certo embaraço. O homenzinho o sentia e procurava desculpar-se por meio de uma atitude servil. Aproximou-se de Aschenbach e com ele veio o cheiro, com o qual ninguém ao redor parecia preocupar-se.

— Ouve — disse o solitário, em voz abafada, quase mecanicamente —, estão desinfetando Veneza. Por quê?

O bufão respondeu com voz rouca:

— Por causa da polícia, ora! É regulamento, meu senhor, com este calor e o siroco. O siroco oprime. Não é bom para a saúde... — Falava como se estivesse surpreso por alguém perguntar uma coisa dessas, e demonstrava com a palma da mão o quanto o siroco era opressivo.

— Quer dizer que não há epidemia em Veneza? — perguntou Aschenbach, bem baixo, entre dentes.

As feições musculosas do bufão se contraíram numa cômica careta de perplexidade.

— Uma epidemia?! Será a nossa polícia uma epidemia? O senhor está brincando! Uma epidemia! Ora, essa é boa! Uma medida preventiva, procure entender! Uma determinação da polícia para combater de imediato

os efeitos do calor sufocante... — gesticulava.

— Está bem — disse Aschenbach, mais uma vez em voz baixa e laconicamente, e deixou cair rapidamente uma gorjeta exorbitante no chapéu estendido. Depois, fechando os olhos, fez sinal ao homem para que se afastasse. Este obedeceu, arreganhando os dentes num sorriso e fazendo mesuras. Mas, ainda antes de ter alcançado a escada, dois empregados do hotel precipitaram-se sobre ele e, com os rostos quase colados ao seu, submeteram-no a um rigoroso interrogatório em surdina. Ele encolhia os ombros, protestava, jurava ter mantido silêncio; era óbvio. Liberado, voltou ao jardim e, depois de breve confabulação com os seus sob a lâmpada de arco, adiantou-se uma vez mais, para uma canção de despedida.

Era uma canção que o solitário não se lembrava de ter alguma vez ouvido; uma canção atrevida, num dialeto incompreensível e incrementada por um refrão de gargalhadas, em que todo o grupo se empenhava a plenos pulmões. Durante esse refrão cessavam tanto as palavras quanto o acompanhamento instrumental, restando apenas uma gargalhada rítmica, que obedecia a certo compasso, mas era executada com grande naturalidade e que sobretudo o solista conseguia, com grande talento, tornar absolutamente convincente. Restabelecida a distância entre o público e o artista, o bufão recuperava toda sua audácia e seu riso fictício, insolentemente dirigido ao terraço, um riso de caçoada. Já próximo ao fim da estrofe articulada, ele parecia lutar contra uma cócega irresistível. Soluçava, sua voz tremia, tampava a boca, comprimindo-a com as duas mãos, os ombros se sacudiam, até que em dado momento rebentava a gargalhada indomável, estrepitosa e com tal sinceridade, que se tornava contagiante, estendendo-se aos ouvintes, de modo que uma hilaridade sem motivo, alimentando-se a si mesma, propagava-se pelo terraço. Mas isso então parecia redobrar o delírio do cantor. Ele dobrava os joelhos, batia nas coxas, segurava a barriga, como se fosse estourar de rir; já não ria, uivava; apontava com o dedo para o terraço, como se não houvesse nada mais cômico do que a sociedade que ria lá em cima, e por fim tudo era riso no jardim e na varanda, riam até os garçons, ascensoristas e criados nas portas.

Aschenbach já não estava mais relaxado em sua cadeira; sentava-se ereto como se disposto a tentar defender-se ou fugir. Mas o riso, o cheiro de hospital que vinha de lá debaixo e a proximidade do belo se confundiam numa atmosfera de sonho a aprisionar-lhe a mente e os sentidos, uma teia mágica impossível de romper, de que não havia como esquivar-se. Em meio à animação e distração generalizadas, ousou lançar um olhar na direção de Tadzio e, ao fazê-lo, pôde constatar que o belo, em resposta a seu olhar, também se mantinha sério, como se pautasse a atitude e a expressão do rosto pelas do outro, e como se a disposição de ânimo geral não exercesse poder algum sobre ele, já que aquele se subtraía a ela. Essa submissão infantil, tão significativa, tinha algo de desarmante que subjugava, a ponto de o homem grisalho conter-se a custo para não ocultar o rosto nas mãos. Também lhe pareceu que o modo como Tadzio ocasionalmente endireitava o corpo, respirando fundo, significava um suspiro, uma opressão do peito. “Ele é

enfermiço, provavelmente não chegará à velhice", pensou novamente o escritor, com aquela objetividade que o êxtase e o desejo por vezes chegam a alcançar numa estranha liberação; e seu coração se encheu de puro desvelo, aliado a uma satisfação absurda.

Os venezianos, entretanto, haviam terminado sua exibição e retiravam-se. Aplausos os acompanhavam, e seu chefe não se absteve de ornamentar a partida com novos gracejos. Seus rapapés e os beijos que atirava com as mãos foram recebidos com risos, o que fez com que ele os redobrasse. Quando seus acompanhantes já estavam do lado de fora, ele ainda fingiu dar um tremendo encontrão num poste, ao se afastar de costas, e depois arrastou-se até o portão, como se curvado de dor. Mas, lá chegando, arrancou de vez a máscara de infeliz, endireitou-se num salto elástico e com toda a insolência mostrou a língua para os hóspedes no terraço, desaparecendo a seguir na escuridão. O grupo de veranistas dispersou-se; Tadzio havia muito já não se encontrava junto à balaustrada. Para surpresa dos garçons, o solitário permaneceu ainda por muito tempo sentado à sua mesinha, tomando o resto do suco de romã. A noite avançava, o tempo escoava. Na casa de seus pais, muitos anos atrás, havia uma ampulheta — subitamente ele revia o pequeno instrumento tão frágil e importante, como se o tivesse diante de si. A areia cor de ferrugem escoava silenciosa e fina pelo estreito canal de vidro e, como já se estivesse esgotando no cálice superior, formara-se ali um pequeno redemoinho impetuoso.

Já no dia seguinte, à tarde, o obstinado deu um novo passo na investigação do mundo exterior, e dessa vez com todo o sucesso. Na praça de São Marcos, entrou numa agência de viagens inglesa e, depois de ter trocado algum dinheiro no caixa do câmbio, fez, com ar de estrangeiro desconfiado, sua pergunta fatal ao funcionário que o atendia. Tratava-se de um autêntico britânico, trajando terno de lã, ainda bastante moço, cabelo repartido ao meio, olhos muito próximos entre si, e com aquela postura de sólida integridade, de efeito tão singular e agradável em meio à manhosa vivacidade meridional. "Não há motivo para preocupação, *sir*", começou ele a dizer. "Uma medida sem maior significado. Tais determinações são frequentemente adotadas para prevenir os efeitos nocivos do calor e do siroco..." Mas, erguendo os olhos azuis, deparou com o olhar do desconhecido, um olhar cansado e tristonho que, com uma ligeira expressão de desprezo, se fixava em seus lábios. O inglês corou. "Isso", prosseguiu em voz baixa e com certa agitação, "é a explicação oficial, que por aqui consideram conveniente manter. Mas vou dizer-lhe o que há por trás disso." Então, em seu idioma aprazível e sem rodeios, contou a verdade.

Já havia alguns anos a cólera indiana mostrava uma forte tendência a alastrar-se, a emigrar para outras regiões. Gerada nos pântanos quentes do delta do Ganges, exalando-se com as emanações mefíticas daquele luxurioso e inútil mundo antediluviano de ilhas cobertas de selva, evitadas pelo homem e em cujos bambuais o tigre arma seu bote, a epidemia havia assolado com extraordinária e persistente virulência todo o Hindustão,

invadira a leste a China e a oeste o Afeganistão e a Pérsia,[1] e, seguindo as principais rotas das caravanas, levara seus horrores até Astracã e mesmo até Moscou. Mas, enquanto a Europa tremia receando que de lá o fantasma pudesse vir a fazer por terra sua entrada, ele sorrateiramente atravessara o mar com mercadores sírios, aparecendo quase simultaneamente em vários portos do Mediterrâneo: erguera a cabeça em Toulon e Málaga, exibira diversas vezes sua máscara em Palermo e Nápoles, e parecia não pretender abandonar toda a região da Calábria e da Apúlia. O norte da península fora poupado. No entanto, em meados de maio desse ano, os temíveis vibriões foram encontrados em Veneza, num só dia, nos cadáveres negros e ressequidos de um tripulante de navio e de uma quitandeira. Os dois casos foram mantidos em sigilo. Mas, transcorrida uma semana, já havia dez, vinte, trinta casos assim, e além de tudo em bairros diferentes. Um austríaco que viera gozar alguns dias de lazer em Veneza, tendo retornado à sua cidadezinha natal, morrera lá, com sintomas inequívocos, e fora assim que os primeiros boatos a respeito do flagelo da cidade lacustre chegaram aos jornais alemães. As autoridades de Veneza, em resposta, garantiram que as condições de saúde da cidade eram as melhores, e adotaram as medidas necessárias para o combate ao mal. Mas provavelmente alguns víveres — legumes, carne ou leite — tinham sido contaminados, pois, negada e acobertada, a morte grassava nos becos estreitos, e o calor do verão, vindo precocemente e amornando a água dos canais, era particularmente propício à propagação. Sim, parecia que a epidemia ganhava novo alento, como se a tenacidade e a fecundidade de seus agentes houvessem redobrado. Casos de recuperação eram raros; de cada cem atingidos, oitenta morriam, e da maneira mais horrenda, pois o mal se apresentava com extrema virulência, manifestando-se com frequência sob sua forma mais perigosa, a chamada "seca". Nesse caso, o corpo não chegava nem mesmo a expelir a água eliminada maciçamente pelas paredes e vasos sanguíneos. Em poucas horas, o doente se desidratava e era asfixiado pelo sangue tornado denso como pez, em meio a convulsões e estertores. Feliz dele se, como ocorria às vezes, depois de manifestar-se por ligeiro mal-estar, a erupção se dava sob a forma de um desmaio profundo, do qual não se despertava mais, a não ser raramente e apenas por breves momentos. No início de junho, os barracões de isolamento do Ospedale Civico foram lotados em sigilo. Nos dois abrigos já começava a faltar lugar, e um tráfego de uma intensidade macabra se instaurara entre o cais dos Novos Fundamentos e San Michele, a ilha-cemitério. Mas o temor de um prejuízo geral, a ponderação de que acabava de ser inaugurada a exposição de pinturas do Jardim Público e de que, caso se espalhassem a difamação e o pânico, perdas consideráveis ameaçavam os hotéis, o comércio, toda a complexa indústria do turismo, sobrepujavam na cidade o amor à verdade e o respeito às convenções internacionais, levando as autoridades a persistir obstinadamente em sua política de silêncio e desmentidos. O chefe do Departamento de Saúde de Veneza, homem de mérito, renunciara ao cargo, indignado, e fora sub-repticiamente substituído

por alguém de caráter mais maleável. O povo estava a par de tudo isso, e a corrupção dos superiores, somada à insegurança reinante, ao estado de exceção em que a ronda da morte mergulhara a cidade, produzia certa deterioração moral das camadas mais humildes, constituía um incentivo a impulsos tenebrosos e antissociais que se manifestavam sob forma de intemperança, descaramento e um recrudescimento da criminalidade. Contrariando a praxe, viam-se agora muitos bêbados pelas ruas ao anoitecer; dizia-se que uma corja de malfeitores tornava as ruas perigosas à noite; assaltos e até assassinatos se repetiam, pois já por duas vezes fora comprovado que pessoas supostamente vitimadas pela epidemia haviam sido envenenadas por seus próprios parentes, e o meretrício atingia um grau de inconveniência e devassidão jamais visto nessa região, comparável apenas ao que reinava no sul do país e no Oriente.

De tudo isso o inglês relatou o essencial. "O senhor faria bem em partir", concluiu, "e de preferência hoje, em vez de amanhã. A declaração de quarentena não pode tardar mais que alguns dias." "Fico-lhe muito grato", disse Aschenbach, e deixou a agência.

Mesmo sem sol, um mormaço sufocante pesava sobre a praça. Estrangeiros desavisados sentavam-se diante dos cafés, ou de pé, em frente à igreja, rodeados pelos pombos, observavam como as aves se atropelavam batendo as asas, expulsando umas às outras, vindo bicar na palma da mão os grãos de milho que se lhes ofereciam. Numa excitação febril, triunfante, de posse da verdade que lhe deixava um travo de nojo na língua e enchia seu coração de um terror fantástico, o solitário percorria as lajes do esplêndido pátio, para cima e para baixo. Cogitava um ato decente e purificante. Poderia hoje à noite, após o jantar, aproximar-se da dama enfeitada de pérolas e dizer-lhe algo que já esboçava textualmente: "Madame, permita que um estranho possa ser-lhe útil com um conselho, uma advertência que por egoísmo deixaram de lhe dar. Parta imediatamente com Tadzio e suas filhas! Veneza está contaminada!" Poderia então, em despedida, pousar a mão sobre a cabeça daquele que fora instrumento de uma divindade sarcástica, voltar-se e escapar desse pântano. Mas, ao mesmo tempo, sentia que estava infinitamente longe de querer dar esse passo a sério. Ele o faria retroceder, recuperar-se a si mesmo, mas para quem está fora de si nada parece mais detestável do que retornar a si mesmo. Lembrou-se de um edifício branco, adornado de inscrições cintilantes à luz do crepúsculo e em cuja mística transparente seu espírito contemplativo se perdera; daquela estranha figura de viajante que despertara naquele que envelhecia o indefinido anseio juvenil de distância e exotismo; e, só de pensar em regresso ao lar, reflexão, sobriedade, labuta e maestria, sentiu uma tal repugnância que seu rosto se contorceu numa expressão de náusea. "É preciso manter silêncio!", murmurou com veemência. E: "Eu manterei silêncio!" A consciência de sua conivência, de sua cumplicidade, embriagou-o, tal como mínimas doses de vinho embriagam um cérebro cansado. O quadro da cidade assolada e ao desamparo, pairando tumultuadamente diante de seu espírito, ateou nele esperanças inconcebíveis, a ultrapassar

todos os limites da racionalidade e de uma extraordinária doçura. O que era a felicidade delicada com que sonhara havia pouco, por um momento, comparada a essas expectativas? Que lhe importavam a arte e a virtude ante as vantagens do caos? Ele manteve silêncio e ficou.

Nessa noite teve um sonho terrível — se é que se pode chamar de sonho uma vivência corporal e espiritual que, embora o assaltasse durante o sono mais profundo, acontecia com total independência e presença física, porém sem que ele se visse deslocando-se no espaço, assistindo de fora aos acontecimentos, mas antes como se o palco onde estes se desenrolavam fosse sua própria alma e como se, vindos de fora, eles o invadissem, quebrando com violência sua resistência, uma resistência espiritual profunda; eles atravessavam-na e deixavam sua existência, deixavam o arcabouço cultural de toda a sua vida em destroços, aniquilado.

O medo fora o começo, medo e desejo, e uma curiosidade mesclada de horror pelo que estava por vir. Reinava a noite e seus sentidos se mantinham atentos, pois de longe se aproximava um tumulto, um alarido, uma confusão de ruídos: correntes arrastadas, um clangor e um surdo retumbar, acompanhados de estridentes ritos de júbilo e um certo ulular com um som de "u" prolongado — tudo entremeado e suplantado com cruel doçura pelo arrulhar profundo e perfidamente constante de uma flauta, que de modo despudoradamente insinuante enfeitiçava as entranhas. Mas ele sabia de uma palavra que obscuramente designava o que estava por vir: "o deus estranho". Acendeu-se um clarão enfumaçado e ele reconheceu uma paisagem montanhosa, semelhante à que circundava sua moradia de verão. E num rasgão de luz um turbilhão precipitou-se dos cumes arborizados, rolando entre troncos e rochas cobertas de musgo — homens, animais, um enxame, uma turba furiosa —, e inundou as encostas com corpos, chamas, tumulto e rodas de dança vertiginosas. Mulheres tropeçando nas saias feitas de tiras de pele de animais muito compridas, que lhes pendiam da cintura, vibravam pandeiros acima das cabeças jogadas para trás, gemendo, brandiam archotes que semeavam centelhas e punhais nus, empunhavam pelo meio do corpo serpentes que expunham as línguas bífidas, ou traziam os seios erguidos nas duas mãos, gritando. Homens peludos, com chifres na testa e túnicas de pele, curvavam o pescoço e erguiam braços e coxas, faziam retinir címbalos de bronze e batiam raivosos nos timbales, enquanto rapazes de pele luzidia aguilhoavam bodes com bastões engalanados de folhagens e, agarrados a seus chifres, deixavam-se arrastar aos saltos com gritos de júbilo. E os possessos uivavam aquele grito de apelo feito de consoantes suaves e terminado num "u" prolongado, num chamado ao mesmo tempo tão doce e selvagem como jamais se ouvira outro: soava num certo ponto, ecoando nos ares com o bramido dos cervos, e era reproduzido adiante, multíssono, num triunfo louco, numa excitação recíproca para a dança e o sacolejar dos membros, sem que o deixassem jamais silenciar. Mas tudo era penetrado e dominado pelo som profundo e sedutor da flauta. Não o seduzia também a ele, a despeito da resistência que opunha a essa vivência, atraindo-o com despudorada tenacidade para a festa e os desmandos do sacrifício supremo?

Grande era sua repugnância, grande era seu temor, honesto, seu desejo de proteger até o fim o que era seu contra o estranho, o inimigo do espírito contido e digno. Mas o barulho, a gritaria, ampliados pelo eco da barreira de montanhas, aumentavam, recrudesciam, dilatavam-se numa loucura arrebatadora. Vapores oprimiam os sentidos: o cheiro acre dos bodes, o odor dos corpos arquejantes, um hálito como que emanado de águas putrefatas, e ainda um outro, familiar — cheiro de feridas e de doença disseminada. Seu coração retumbava acompanhando os timbales; seu cérebro girava, foi tomado de furor, de desvario, de atordoante voluptuosidade, e sua alma desejou unir-se à ronda do deus. O gigantesco símbolo de madeira obsceno foi descoberto e erguido: passaram a urrar a senha ainda mais desenfreados. Bramiam com lábios escumantes, excitavam-se mutuamente com trejeitos lúbricos e mãos cúpidas; rindo e gemendo espetavam-se uns aos outros com os aguilhões e lambiam o sangue dos membros. Mas com eles, neles estava agora aquele que sonhava e que pertencia ao deus estranho. Sim, eles eram ele mesmo quando se atiraram sobre os animais, dilacerando e massacrando, e devorando postas fumegantes; eram ele mesmo quando, no musgo revolvido do solo, teve início um acasalamento sem limites, como sacrifício ao deus. E sua alma saboreou a luxúria e o desvario da degradação.

A vítima despertou desse sonho esgotada, transtornada e indefesa, à mercê do demônio. Não temia mais os olhares dos observadores, não se importava em expor-se às suas suspeitas. Além do mais, as pessoas estavam fugindo, partiam; inúmeras cabines na praia estavam vagas, o salão de refeições, antes lotado, apresentava grandes lacunas, e na cidade era raro ver-se ainda um estrangeiro. A verdade parecia evidente e o pânico, inevitável, a despeito da solidariedade tenaz dos interessados. Mas a dama das pérolas permanecia com os seus, seja porque os boatos não chegavam até ela, ou porque era por demais orgulhosa e destemida para ceder a eles. Tadzio permanecia ali, e àquele que era prisioneiro de seu sonho parecia às vezes que a evasão e a morte poderiam eliminar a seu redor toda vida importuna, de modo que só restassem naquela ilha ele e o belo — sim, quando, de manhã na praia, seu olhar pesado, irresponsável e fixo, descansava sobre o desejado; quando, ao cair da tarde, o seguia sem a menor dignidade pelas vielas por onde a morte repugnante perambulava incógnita, o monstruoso lhe parecia promissor e a lei moral, nula.

Como qualquer apaixonado, desejava agradar e sentia o amargo receio de que isso não fosse possível. Acrescentou a seu traje detalhe de efeito jovial, começou a usar pedras preciosas e perfumes, perdia várias horas por dia com sua toalete e vinha para a mesa enfeitado, excitado e tenso. Em face da doce juventude que suscitava esse esmero, seu corpo envelhecido o repugnava, mergulhava em vergonha e desespero ao ver seu cabelo grisalho, os traços marcados do rosto. Era arrastado pelo impulso de recuperar o físico, de rejuvenescê-lo; visitava amiúde o barbeiro do hotel.

Reclinado na cadeira, entregue às mãos habilidosas do tagarela, envolto no penteador, observava atormentado seu reflexo no espelho.

— Grisalho — murmurou com a boca crispada.

— Um pouco — respondeu o homem. — E isso devido a uma pequena negligência, a uma indiferença quanto à aparência exterior, compreensível em pessoas de categoria, mas que não chega a ser verdadeiramente louvável, ainda mais quando é justamente a pessoas assim que é menos apropriado ter preconceitos quanto ao que é natural ou artificial. Se a austeridade de certas pessoas com relação à arte dos cosméticos se estendesse também aos cuidados com seus dentes, como seria lógico, que escândalo não iriam provocar! Além de tudo, temos a idade que nosso espírito, nosso coração nos atribuem, e um cabelo grisalho, em alguns casos, significa algo mais falso do que a correção desdenhada. No seu caso, meu senhor, tem-se o direito à cor natural dos cabelos. Permite que eu apenas lhe restitua a sua?

— Como assim? — perguntou Aschenbach.

O eloquente barbeiro lavou então os cabelos do cliente em duas águas, uma clara e outra escura, e eles ficaram pretos como em sua mocidade. Depois, com o ferro de frisar, ondulou-o de leve, afastou-se e inspecionou a cabeça tratada.

— Agora, basta apenas refrescar um pouco a pele do rosto — disse.

E como alguém que não pode parar e não consegue se dar por satisfeito, passava de uma manipulação a outra, numa atividade incessante. Aschenbach, descansando confortavelmente, incapaz de qualquer resistência, antes agitado e acompanhando esperançoso o que se passava, viu no espelho suas sobrancelhas se arquearem mais decididas e harmoniosas, o corte de seus olhos se alongar, seu brilho ser ressaltado com um leve toque de pintura nas pálpebras; viu despontar mais abaixo, onde a pele fora escura e opaca como couro, um carmim delicado, suavemente aplicado, seus lábios exangues de há pouco se intumescerem num tom de framboesa, as rugas das faces, da boca, dos olhos desaparecerem sob o creme e o aroma da juventude — com o coração aos saltos, via surgir no espelho um jovem florescente. O maquiador finalmente dava-se por satisfeito e agradecia com obsequiosidade, à maneira de seu ofício, àquele a quem acabava de servir.

— Um insignificante auxílio — dizia, enquanto dava um último retoque na aparência de Aschenbach. — O cavalheiro agora pode apaixonar-se sem receio. — Aschenbach saiu deslumbrado, feliz como num sonho, embaraçado e apreensivo. Usava gravata vermelha e o chapéu de palha de abas largas era rodeado por uma fita multicolorida.

Um vento morno, tempestuoso, começara a soprar; pancadas de chuva caíam rápidas e esparsas, mas o ar estava úmido, denso e carregado de miasmas. Rufar de asas, estalos e sibilos assediavam os ouvidos, e Aschenbach, ardendo em febre sob a maquiagem, tinha a impressão de que espíritos malfazejos adejavam pelo espaço, aves malditas do mar, que revolvem, comem e emporcalham a refeição do condenado, pois o mormaço tirava o apetite, e a imagem dos alimentos contaminados pelos germes se impunha.

Uma tarde, seguindo as pegadas do belo, Aschenbach aprofundou-se no labirinto interno da cidade doente. Perdendo o senso de orientação, pois os

becos, canais, pontes e pracinhas do labirinto eram todos demasiadamente parecidos, inseguro também quanto à localização dos pontos cardeais, mantinha-se obcecado em não perder de vista a imagem ansiosamente perseguida, sendo forçado a precauções humilhantes, a colar-se às paredes, a procurar abrigo nas costas dos transeuntes à sua frente, e por muito tempo não teve consciência do cansaço, do esgotamento que o sentimento e a tensão constante haviam infligido a seu corpo e a seu espírito. Tadzio seguia atrás dos seus; nas passagens estreitas habitualmente cedia a dianteira à governanta e às irmãs com ar de freiras, e flanando sozinho na retaguarda voltava de vez em quando a cabeça, para certificar-se por cima do ombro, num relance de seus olhos daquele estranho cinza-alvorada, de que seu apaixonado o seguia. Avistava-o e não o delatava. Inebriado por essa constatação, arrastado por esses olhos, a paixão a conduzi-lo pela coleira, o enamorado perseguia furtivamente sua esperança indecorosa — e todavia terminou por se ver logrado. Os poloneses haviam atravessado uma ponte arqueada e a altura do arco ocultou-os de seu perseguidor; quando este, por seu turno, alcançou o topo, já não os avistou. Procurou por eles em três direções, em frente e para os dois lados, ao longo do canal estreito e sujo, mas em vão. Enervamento e fadiga obrigaram-no por fim a abandonar a busca.

Sua cabeça queimava, seu corpo estava coberto de suor viscoso, seu pescoço tremia, uma sede insuportável o torturava; olhou em torno buscando qualquer refrigério imediato. Diante de uma pequena quitanda, comprou algumas frutas, morangos, mercadoria já passada e mole, e comeu-os, enquanto se afastava. Uma pequena praça abandonada, tão acolhedora como se fosse encantada, abriu-se à sua frente. Ele a reconheceu; fora ali que, semanas atrás, se decidira por aquele plano de fuga desesperado. Deixou-se cair sobre os degraus da cisterna no centro da praça e recostou a cabeça no rebordo de pedra. Tudo era silêncio, a grama crescia entre as pedras do calçamento, havia detritos espalhados. Entre as casas arruinadas, de altura desigual, que rodeavam a praça, havia uma que se assemelhava a um palácio, com janelas em ogivas, por trás das quais habitava o vazio, e pequenos balcões guarnecidos por leões de pedra. No andar térreo de uma outra, havia uma farmácia. Lufadas de ar quente traziam vez por outra um cheiro de fenol.

Lá estava ele sentado, o mestre, o artista dignificado, o autor de *Um miserável,* que em tão exemplar pureza de forma recusara a boemia e as profundezas turvas, negara qualquer simpatia pelo abismo e reprovara o réprobo; ele que subira tão alto, que, senhor de seu conhecimento e liberto de toda ironia, se habituara às obrigações impostas pela confiança das massas; ele, cuja fama era oficial, cujo nome fora agraciado com título de nobreza e cujo estilo era tomado como paradigma nas escolas — lá estava sentado, as pálpebras cerradas, sob as quais se esgueirava por vezes um olhar oblíquo, irônico e perplexo, que logo tornava a se ocultar, e seus lábios frouxos, revelados pelos cosméticos, articulavam palavras desconexas, retiradas do discurso que seu cérebro semiadormecido compunha, seguindo a estranha lógica dos sonhos.

"Pois a beleza, Fedro, grava bem isso, apenas a beleza é simultaneamente divina e visível; ela é, portanto, o caminho do sensível, ela é, meu pequeno Fedro, o caminho pelo qual o artista alcança o espírito. Mas tu crês, meu querido, que aquele que se encaminha ao espiritual pela via dos sentidos pode algum dia alcançar a sabedoria e uma verdadeira dignidade viril? Ou antes acreditas (tu és livre para decidir) que este é um caminho atraente, conquanto perigoso, na verdade um caminho equívoco e pecaminoso que necessariamente conduz ao erro? Pois é preciso que saibas que nós, poetas, não podemos percorrer o caminho da beleza sem que Eros se interponha, arvorando-se em nosso guia; sim, ainda que sejamos, a nosso modo, heróis e guerreiros disciplinados, somos como mulheres, pois a paixão é nossa sublimação, e nosso anseio não pode deixar de ser amor — para nossa satisfação e para nossa vergonha. Vês agora que nós, poetas, não podemos ser nem sábios nem dignos? Que fatalmente incorremos em erro, que fatalmente permanecemos devassos e aventureiros do sentimento? A maestria de nosso estilo é mentira e estupidez; nossa fama e respeitabilidade, uma farsa; a confiança depositada em nós pela multidão, altamente ridícula; a educação do povo e da juventude pela arte, um empreendimento temerário que devia ser proibido. Pois, como pode servir de educador quem traz em si um pendor inato e incorrigível para o abismo? Bem que gostaríamos de renegá-lo e adquirir dignidade, mas para onde quer que nos voltemos, lá está ele a nos atrair. É assim que renunciamos, por exemplo, ao conhecimento analítico, pois o conhecimento, Fedro, não tem dignidade nem rigor; ele é sábio, compreensivo e indulgente, não tem firmeza nem forma; simpatiza com o abismo, ele *é* o abismo. A este rejeitamos, pois, decididamente, e nossa única aspiração passa a ser então a beleza, o que quer dizer simplicidade, grandeza, um novo vigor, a espontaneidade reconquistada e a forma. Mas forma e espontaneidade, Fedro, levam à embriaguez e à cobiça, arriscam levar um coração nobre a cometer um atentado atroz contra o sentimento, atentado que sua própria exigência de austera beleza repudia como infame — também elas conduzem ao abismo. Digo que elas nos conduzem, a nós poetas, para o abismo, pois não conseguimos elevar-nos, mas apenas exceder-nos. E agora eu me vou, Fedro. Quero que fiques aqui e só quando já não me avistares mais, só então, parte também."

* * *

Alguns dias depois, Gustav von Aschenbach, como não se sentisse bem, saiu do hotel, pela manhã, mais tarde que de costume. Lutava contra certos acessos de vertigem, de origem apenas parcialmente orgânica, e que eram acompanhados por um temor crescente, uma sensação de acua-mento e de desesperança, sem que pudesse esclarecer se isso se referia ao mundo exterior ou à sua própria existência. No saguão notou uma volumosa bagagem amontoada, pronta para ser transportada; perguntou a um porteiro quem estava de partida e recebeu em resposta o título de nobreza e

o nome polonês que secretamente já esperava. Recebeu-a sem que seus traços abatidos sofressem qualquer alteração, erguendo a cabeça, naquele gesto breve de quem, por acaso, toma conhecimento de algo que não precisava saber, e indagou ainda: “Quando?” Responderam-lhe: “Depois do almoço.” Fez um sinal de aquiescência e dirigiu-se para o mar.

A praia não se apresentava nada hospitaleira. Arrepios encrespados corriam pela superfície da extensa faixa de água rasa, desde a borda da praia até o primeiro banco de areia. Uma atmosfera de outono, de sobrevida parecia pairar sobre aquele local de prazer, poucas semanas antes tão colorido e animado e agora quase deserto. Uma máquina fotográfica, aparentemente sem dono, estava a postos em seu tripé à beira do mar, e o pano preto que a cobria esvoa-çava estalando ao vento, que agora era mais fresco.

Tadzio, com três ou quatro companheiros de folguedo que lhe haviam restado, movimentava-se à direita em frente à cabine dos seus, e a meio caminho entre o mar e a fileira de cabines, repousando em sua espreguiçadeira, com uma manta sobre os joelhos, Aschenbach observava-o uma vez mais. A brincadeira que ninguém vigiava, pois as mulheres deviam estar ocupadas com os preparativos da viagem, parecia não ter regras e acabou por degenerar. Aquele rapaz atarracado, de cabelos pretos untados de brilhantina, que usava um costume cintado e a quem chamavam de “Jaschu”, irritado e cego pela areia que lhe tinham atirado no rosto, forçou Tadzio a uma luta que terminou rapidamente com a derrota do belo, mais fraco. Mas como se na hora da despedida o sentimento servil do subalterno se invertesse em brutalidade cruel, disposta a vingar-se de uma longa escravidão, o vencedor não se resolvia a largar o adversário subjugado; ajoelhado sobre suas costas, afundava-lhe o rosto na areia, mantendo-o assim por tanto tempo que Tadzio, já sem fôlego em consequência da luta, ameaçava sufocar. Suas tentativas de livrar-se do opressor eram convulsivas, por alguns momentos cessaram inteiramente e, quando mais uma vez se renovaram, não passavam de um tremor. Horrorizado, Aschenbach se dispunha a saltar em seu socorro, quando o bruto finalmente soltou sua vítima. Tadzio, muito pálido, ergueu um pouco o tronco e permaneceu vários minutos imóvel, sentado, apoiado sobre um braço, com os cabelos desgrenhados e os olhos escurecidos. Depois ergueu-se de vez e afastou-se lentamente. Chamaram por ele, alegremente, de início, depois num tom temeroso e suplicante; ele não deu ouvidos. O de cabelo preto, com certeza logo assaltado de remorsos pelo excesso cometido, alcançou-o e tentou uma reconciliação. Foi repelido com um movimento de ombros. Tadzio desceu até o mar seguindo uma linha oblíqua. Estava descalço e usava seu traje de linho listrado com laço vermelho.

Deteve-se à beira da água, de cabeça baixa, desenhando figuras na areia úmida com a ponta do pé, depois entrou no baixio, que mesmo na parte mais funda não lhe chegava ao joelho, atravessou-o avançando displicentemente e alcançou o banco de areia. Lá permaneceu de pé por um momento com o rosto voltado para o largo e começou a caminhar

lentamente para a esquerda, percorrendo a longa e estreita nesga de areia que o mar deixava a descoberto. Isolado da terra firme por uma larga extensão de água, isolado dos companheiros por um capricho de seu orgulho, vagava — uma visão inteiramente à parte, sem liames, os cabelos esvoaçantes, lá longe em meio ao mar e ao vento, diante do infinito nebuloso. Parou mais uma vez para olhar o mar. E de repente, como numa súbita lembrança, num impulso, virou a parte superior do tronco, uma das mãos apoiada no quadril, numa bela rotação de sua posição original, e olhou por cima do ombro para a margem. O observador estava lá sentado, como naquele dia no hotel em que esse olhar cinza-alvorada se voltara para trás, na soleira da porta, e encontrara o seu pela primeira vez. A cabeça recostada no espaldar da cadeira acompanhara lentamente o movimento do que caminhava ao longe; ergueu-se então, como ao encontro do olhar, e caiu sobre o peito, de modo que seus olhos viam por debaixo, enquanto o rosto mostrava a expressão relaxada, absorta, de um sono profundo. Mas parecia-lhe que o pálido e adorável psicagogo lhe sorria lá longe, lhe acenava; que, soltando a mão do quadril, apontava para longe e, tomando a dianteira, lançava-se flutuando na imensidão plena de promessas. E, como tantas outras vezes, levantou-se para segui-lo.

Passaram alguns minutos antes que acorressem em socorro do homem caído de lado na cadeira. Levaram-no para seu quarto. E ainda no mesmo dia um mundo respeitosamente consternado recebia a notícia de sua morte.

Sobre o autor

Thomas Mann nasceu em 1875, em Lübeck (Alemanha), e em 1891 mudou-se para Munique. Seus primeiros contos foram reunidos em *O pequeno senhor Friedemann* (1898). Em 1901, sai — com enorme impacto — o romance *Os Buddenbrooks*, baseado na decadência de sua própria família. Em 1912, ele lança a novela *Morte em Veneza*. *A montanha mágica*, de 1924, confirma a reputação de Mann como um dos escritores de maior arrojo filosófico na modernidade. Cinco anos depois, ele receberia o Prêmio Nobel de literatura. Muda-se para a Suíça e, depois de escrever uma tetralogia de romances condenando o racismo e o antissemitismo, vai para Nova Jersey (EUA) e passa a dar aulas na Universidade de Princeton. Em 1947 é lançado *Doutor Fausto*, um dos maiores romances jamais escritos sobre a arte da música. Thomas Mann volta à Suíça em 1952, onde morre em 1955.